



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB**  
**INSTITUTO DE LETRAS - IL**  
**DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA**

**PENSANDO INTERSECCIONALIDADE E VIOLÊNCIA NO ROMANCE *MONDAY'S*  
*NOT COMING* DE TIFFANY D. JACKSON**

**BARBARA REZENDE LUSO**

**BRASÍLIA**

**2021**

**BARBARA REZENDE LUSO**

**PENSANDO INTERSECCIONALIDADE E VIOLÊNCIA NO ROMANCE *MONDAY'S  
NOT COMING* DE TIFFANY D. JACKSON**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Teoria Literária e Literatura, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Letras Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Norma Diana Hamilton (LET-IL)

**BRASÍLIA  
2021**

**BARBARA REZENDE LUSO**

**PENSANDO INTERSECCIONALIDADE E VIOLÊNCIA NO ROMANCE *MONDAY'S  
NOT COMING* DE TIFFANY D. JACKSON**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Teoria Literária e Literatura, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Letras Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Norma Diana Hamilton (LET-IL)

**Brasília, outubro de 2021**

**APROVADO POR:**

---

**Profa. Dra. Norma Diana Hamilton (Orientadora)  
Universidade de Brasília (UnB)**

---

**Profa. Dra. Cíntia Carla Moreira Schwantes (Examinadora)  
Universidade de Brasília (UnB)**

---

**Prof. Dr. William Alves Biserra (Examinador)  
Universidade de Brasília (UnB)**

---

**Profa. Dra. Fernanda Alencar Pereira (Suplente)  
Universidade de Brasília (UnB)**

*Aos meus pais, Nilza e Augusto, sem quem nada disso seria possível.*

## **AGRADECIMENTOS**

*À Deus por me guiar durante toda a minha vida e sempre me dar forças para continuar mesmo quando parecia impossível.*

*À toda minha família, em especial meus pais, minha avó Irene e meu irmão Thiago, por sempre me apoiarem em todos os meus projetos e me incentivar a ser a melhor versão de mim.*

*À minha orientadora, Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Norma Diana Hamilton, por toda paciência, ensinamentos e por me guiar durante toda a produção deste trabalho.*

*Aos meus amigos pelas conversas, discussões, distrações e, em especial, à Gabi, por ter a paciência de me ajudar a revisar este trabalho, você é incrível. Vocês todos foram essenciais nessa jornada.*

*Ao meu avô Antônio, que sempre acreditou e se orgulhou de mim. Vô, aonde quer que o senhor esteja, espero que continue acreditando e se orgulhando de mim.*

## RESUMO

O presente trabalho busca dar visibilidade a autoria feminina negra de língua inglesa, que possui características únicas, através da análise do romance *Monday's Not Coming* da escritora Afro-Americana Tiffany D. Jackson. Analisamos a forma como a violência contra mulheres negras é representada na obra e ainda como a autora representa os processos de construção de identidade de resistência de jovens mulheres negras. Para tal, utilizamos os conceitos desenvolvidos por Crenshaw (1989, 1991), Patricia Hill Collins (2000, 2013), Vilma Piedade (2017), entre outros teóricos que oferecem a fundamentação teórica necessária para a análise desenvolvida neste trabalho. O método escolhido para essa análise é o *close reading*. Concluímos que a importância de se trazer essa obra para o contexto brasileiro é a representação de mulheres negras como protagonistas, que ela oferece para a população negra, especialmente meninas negras, e também a visibilidade trazida para a dura realidade enfrentada por algumas crianças e adolescentes racializados ao redor do país.

**Palavras-chave:** interseccionalidade, violência, resistência, autoria feminina negra.

## **ABSTRACT**

The present work aims to give visibility to the Black female authorship, which has unique characteristics, produced in the English language. Our analysis focuses on the novel *Monday's Not Coming* by African-American author Tiffany D. Jackson. We analyze the way violence against Black women is represented in the novel and how the author represents the process of construction of resistance identities in young Black women. For such, we use the conceptions developed by Crenshaw (1989, 1991), Patricia Hill Collins (2000, 2013), Vilma Piedade (2017) and others, that offered the needed theoretical basis for the analysis developed in this work. The chosen method for the analysis is close reading. We conclude that the importance of bringing this novel to the Brazilian context is the representation of Black women as protagonists that it offers to the Black population, especially to Black girls, and the visibility brought to the tough reality some children and teenagers go through around the country.

**Key words:** intersectionality, violence, resistance, Black female authorship.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 DOS CONCEITOS SOCIAIS.....</b>	<b>12</b>
2.1.1 Intersecção de Raça, Gênero e Classe .....	12
2.1.2 Interface de Raça, Gênero, Classe e Violência.....	17
2.1.3 Construindo Identidades de Resistência.....	20
<b>2.2 DOS CONCEITOS LITERÁRIOS .....</b>	<b>21</b>
2.2.1 Personagem .....	21
2.2.2 Foco Narrativo.....	22
2.2.3 Pensando Vozes/Discursos.....	24
2.2.4 Alegoria e Símbolos .....	25
2.2.5 Intertextualidade.....	25
<b>2.3 DA AUTORIA FEMININA NEGRA.....</b>	<b>26</b>
2.3.1 Protagonista.....	26
2.3.2 Temas e Conflitos.....	26
2.3.3 Tempo.....	27
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>29</b>
<b>3.1 O INTERESSE DO ESTUDO.....</b>	<b>29</b>
<b>3.2 OS PROCESSOS DA PESQUISA.....</b>	<b>29</b>
3.2.1 A Leitura .....	29
3.2.2 A Busca de Obras Teóricas .....	29
3.2.3 O Método de Análise.....	30
3.2.4 O Desenvolvimento da Análise.....	31
<b>4 ANÁLISE .....</b>	<b>33</b>
<b>4.1 SEGUNDO OS CONCEITOS SOCIAIS.....</b>	<b>33</b>
4.1.1 Sobre a Interseccionalidade.....	33
4.1.2 Representações de Violência.....	34
4.1.3 Criando Identidades de Resistência.....	38
<b>4.2 SEGUNDO OS CONCEITOS LITERÁRIOS .....</b>	<b>40</b>
4.2.1 Sobre Personagens.....	40

4.2.2 Sobre o Foco Narrativo .....	43
4.2.3 Sobre Vozes/Discursos.....	45
4.2.4 Sobre Alegorias e Símbolos .....	46
4.2.5 Sobre Intertextualidade.....	47
<b>4.3 SEGUNDO A AUTORIA FEMININA NEGRA.....</b>	<b>48</b>
4.3.1 O Protagonista .....	48
4.3.2 Sobre Temas e Conflitos .....	49
4.3.3 Tempo.....	51
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste trabalho é dar visibilidade para a autoria feminina negra de língua inglesa através do romance *Monday's Not Coming* da autora Afro-Americana Tiffany D. Jackson, publicado em 2018, que ainda não possui tradução brasileira. A obra nos traz a perspectiva de Claudia Coleman, uma pré-adolescente negra prestes a começar o seu último ano do ensino fundamental, *middle school* no sistema educacional estadunidense, a partir do desaparecimento de sua melhor amiga, Monday Charles.

A autora Tiffany D. Jackson nasceu no Brooklyn em Nova York e além de escritora, ela também é cineasta de terror. Ela escreveu e dirigiu sua primeira websérie em 2010 e teve seu primeiro romance publicado em 2017. Além de *Monday's Not Coming*, Jackson também escreveu outros quatro romances, nos quais mulheres negras sempre estão entre as personagens principais. *Monday's Not Coming* teve inspiração nos numerosos casos de desaparecimentos históricos de meninas negras nos EUA. O romance foi publicado em 2018 em meio às tensões do governo Trump nos EUA.

No governo de Trump, lembramos que a construção de um muro na fronteira entre México e Estados Unidos era uma das principais pautas; as políticas de imigração do governo acabaram por separar pais e filhos, deportando imigrantes. Ademais, os EUA enfrentavam problemas com tiroteios em massa dentro de escolas e as pessoas saíram às ruas para exigir leis mais rígidas no controle de armas. Nesse contexto de conflitos raciais, entendemos que havia diferentes formas elevadas de violência contra jovens não-brancos: física, simbólica, psicológica e negligência.

A importância desse romance no cenário estadunidense é trazer visibilidade à realidade de crianças racializadas e, principalmente, às condições socioeconômicas inferiores delas. Na minha observação, essas crianças vêm sendo negligenciadas pelos sistemas de governo e acabam ficando mais suscetíveis a sofrer diversos tipos de violência. Ao se colocar em foco obras com essas temáticas, traz-se para o grande público questões que, de outro modo, talvez não seriam colocadas em relevo. Já para o contexto brasileiro, o romance traz representatividade, tendo em vista que a maior parte da população brasileira é afrodescendente, e nos oferece personagens negros com diferentes vivências, mostrando a heterogeneidade das pessoas negras. De acordo com a pesquisadora e professora de literatura Regina Dalcastagnè (2011), a maioria das personagens em romances brasileiros contemporâneos é retratada como

sendo homens brancos de condições socioeconômicas relativamente altas, outros grupos, principalmente os racializados, são retratados de forma estereotipada.

Assim como nos EUA, ao se trazer uma obra com essa temática para o cenário brasileiro, contribui-se para dar visibilidade à realidade em que crianças e adolescentes racializados podem ter seus direitos básicos negligenciados.

No romance, Claudia, a protagonista negra de 13 anos, narra como ela não conseguiu se comunicar com a melhor amiga Monday, adolescente negra de mesma idade, durante todo o verão. Como Monday não apareceu no primeiro dia do retorno à escola, Claudia começa uma busca por sua amiga. Ninguém acredita quando ela diz que há algo de errado nesse desaparecimento. Porém, ela não consegue achar respostas, tendo em vista que ela ainda é uma criança e não possui os recursos nem o apoio necessários para encontrar a amiga; mesmo assim ela continua tentando. Depois de certo tempo, ela consegue o apoio de uma professora que, inclusive, chama a polícia e o serviço social, mas eles afirmam que Monday não desapareceu e continua em sua casa. A situação perdura até quando oficiais do governo vão a casa de Monday para despejar sua família em decorrência da gentrificação da comunidade. Nessa empreitada do despejo, os oficiais acabam a encontrando dentro de um *freezer* junto com seu irmão mais novo, quase um ano depois que Claudia notou seu desaparecimento.

O romance também mostra a violência dentro da comunidade negra, uma vez que temos uma mãe negra que mata seus filhos. A violência dentro da comunidade negra é considerada um tabu na autoria negra no geral, pois essa autoria busca construir identidades positivas para recuperar as imagens boas de sua comunidade. No entanto, a autoria feminina negra traz destaque para esse tipo de violência em suas obras como é possível ver no presente caso.

Tratando dos objetivos específicos do presente trabalho, eles são divididos em dois: analisar a forma pela qual é representada a violência contra mulheres negras na obra e como a autora representa os processos de construção de identidade de resistência de jovens mulheres negras. Para atingir esses objetivos, parte-se da premissa que o local de interseccionalidade (CRENSHAW, 1989) da mulher negra contribui para deixá-la em situação de vulnerabilidade para sofrer com diversos tipos de violência, mas que ainda sim essas mulheres conseguem criar identidades de resistência a partir de suas relações com outras mulheres negras (COLLINS, 2000; PIEDADE, 2017).

Deve-se abordar, ainda, a maneira como se deu a escolha do romance como foco do atual trabalho. Eu escolhi essa obra porque foi umas histórias que mais me tocou entre as obras que li em minha vida. A forma como a autora constrói a narrativa até o clímax me prendeu na leitura e eu não conseguia mais parar de ler até descobrir o que realmente tinha acontecido com

Monday, mesmo que logo depois desejei não ter descoberto o que aconteceu. Outro ponto foi o modo como a estória parecia real, como se eu tivesse visto várias vezes em jornais, só que com outras crianças negras ao invés de Monday, que sofreram as consequências da negligência do Estado por serem negras. Além disso, achei que seria uma forma de introduzir a obra e autora no contexto brasileiro, tendo em vista que essa autora ainda não possui seus trabalhos traduzidos no Brasil.

Assim, a maior motivação para este trabalho é trazer visibilidade para vozes femininas negras, buscando colocar em foco suas experiências únicas. Ademais, visibilizar também as realidades de crianças racializadas que muitas vezes não têm espaço nos meios de comunicação para expor suas vivências.

Este trabalho está dividido da seguinte maneira: o capítulo 2 nos apresenta os conceitos e autores teóricos que serão utilizados como base para a realização da análise da obra em questão. Esses conceitos estão divididos entre sociais com contribuições de teóricas afro-americanas como Crenshaw (1989, 1991, 2002) e Patricia Hill Collins (2000, 2013), literários com contribuições de teóricos literários como E.M Forster, trad. por Alcides (2003) e Wood (2008) e finalmente, autoria feminina negra trazendo conceitos como *bildungsroman* e a passagem do tempo.

O capítulo 3 apresenta a metodologia utilizada na análise da obra escolhida, começando por explicar como se desenvolveu o interesse do estudo e passando para os processos da pesquisa. Esses processos incluem a leitura, a busca por obras teóricas, o método de análise e o desenvolvimento da análise. O método escolhido para a análise foi o *close reading* por ser o mais adequado ao tipo de análise pretendida.

No capítulo 4, introduzimos a análise em si do romance dividida em três partes: a primeira, segundo os conceitos sociais, na qual analisamos a obra a partir dos conceitos sociais introduzidos no capítulo 2; a segunda parte, conforme os conceitos literários, na qual a obra é analisada a partir dos conceitos literários; por fim, segundo a autoria feminina negra, na qual a análise parte dos conceitos únicos presentes em obras de autoria feminina negra.

Finalmente, na conclusão deste trabalho, fazemos uma síntese a partir das observações desenvolvidas ao longo do trabalho.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 DOS CONCEITOS SOCIAIS

#### 2.1.1 Intersecção de Raça, Gênero e Classe

Neste capítulo iremos desenvolver as teorias que servirão como base de fundamentação para a análise realizada neste trabalho. Para começar esse propósito, faz-se necessária uma pequena observação da situação das mulheres negras perante os movimentos antirracistas e feministas que servem de embasamento para muitas das teorias que serão aqui tratadas. Com essa observação, será possível perceber o local único que essas mulheres se localizam no interior desses movimentos, o que se faz essencial para análise realizada neste trabalho.

Desde o século passado, os movimentos antirracistas e feministas, em geral, vêm ganhando mais espaço no cenário mundial, não somente lutando para conquistar direitos básicos, como também trazendo mais visibilidade para o debate de pautas importantes de raça e sexismo. As mulheres negras, como mulheres e da raça negra, integram os dois movimentos e é por isso que suas vozes e experiências deveriam ser consideradas para a construção das agendas dos dois grupos. Porém, as mulheres negras têm suas experiências apagadas tendo em vista que os dois movimentos são considerados como duas lutas diferentes (CRENSHAW, 1989). Kimberlé Crenshaw, teórica afro-americana de raça e gênero, nos explica que, no contexto estadunidenses, o movimento antirracista tem como cerne as experiências, lutas e a discriminação do homem negro e o feminista as da mulher branca, o que pode ser considerado uma falha por não ter em mente que mulheres negras sofrerão discriminação por serem mulheres e por serem negras. A teórica afirma que,

Mulheres negras são vistas puramente por serem mulheres ou negras e a natureza composta de suas experiências é absorvida pelas experiências coletivas de cada grupo ou como muito diferente. Em cada caso, a negritude ou a feminilidade das mulheres negras às vezes tem colocado suas necessidades e perspectivas às margens das agendas feministas e liberacionistas (CRENSHAW, 1989, p. 150, tradução minha)<sup>1</sup>.

Como nos aponta Crenshaw, em muitos casos, as mulheres negras são enxergadas como seu corpo, feminino, ou sua cor, negra. A teórica ainda explica que essas mulheres são tratadas de forma estereotipada em relação a sua diferença a tal grupo, ou seja, a percepção e recepção

---

<sup>1</sup> Black women are regarded either as too much like women or Blacks and the compounded nature of their experience is absorbed into the collective experiences of either group or as too different, in which case Black women's Blackness or femaleness sometimes has placed their needs and perspectives at the margin of the feminist and Black liberationist agendas (CRENSHAW, 1989, p. 150).

da identidade das mulheres negras é geralmente enxergada a partir da sua relação com o grupo. Dessa forma, a sua individualidade é apagada.

Outra teórica importante dos estudos de raça e gênero é bell hooks (1995) que explica que quando trazem a discussão de raça para dentro do feminismo ou a de sexismo para dentro do movimento antirracista, as mulheres negras são vistas como tentando mudar o foco principal e acabam sendo levadas a ficarem em silêncio. Assim, ambos os movimentos perdem experiências que seriam de suma importância para seu progresso como movimento.

Tendo em mente essas vivências da mulher negra dentro dos grupos políticos que participa, pode se dizer que ela se localiza na intersecção - ou seja no cruzamento - entre raça, gênero e, na maioria das vezes, classe; o que molda toda a sua experiência na sociedade como nos explicam as teóricas negras como as supracitadas. De acordo com Crenshaw (1991), a interseccionalidade se traduz em como uma ou mais estruturas de subordinação (raça, gênero, classe, entre outros) se sobrepõem e moldam os aspectos estruturais, representacionais e políticos daqueles que se encontram na intersecção, afetando de forma profunda as suas experiências cotidianas.

Ao tratar especificamente de mulheres de cor, Crenshaw (1991) divide a interseccionalidade em três categorias: I. Interseccionalidade Estrutural que se entende em como os locais em que as mulheres racializadas (na interseccionalidade de gênero e raça) se encontram moldam as experiências dessas mulheres em relação a violência doméstica, estupro, reformas corretivas, entre outros e faz com que elas (experiências) sejam desiguais as de mulheres brancas. II. Interseccionalidade Política em que mulheres de cor se encontram em pelo menos dois grupos, no caso da mulher negra o movimento antirracista e feminista por exemplo, cujas pautas tendem a ser não conciliáveis. III. Interseccionalidade Representacional na qual a representação das mulheres racializadas na cultura popular vêm da junção de narrativas dominantes de raça e gênero e ainda, como as críticas contemporâneas de representações racistas e sexistas possuem um papel na marginalização de mulheres de cor.

Crenshaw ainda aborda a importância de se levar em conta a interseccionalidade na elaboração de políticas de grupo, visto que muitas das pautas necessárias para alguns, cujas identidades se interseccionam, passam despercebidas ao serem englobadas no interesse geral. Ela afirma que, “Através de uma consciência de interseccionalidade, podemos reconhecer e fundamentar as diferenças entre nós e negociar os meios pelos quais essas diferenças irão

encontrar expressão na construção das políticas de grupo” (CRENSHAW, 1991, p. 1299, tradução minha)<sup>2</sup>.

A experiência de mulheres negras dentro das organizações antirracistas e feministas podem ser, de maneira bastante ampla, resumida em duas palavras: superinclusão que ocorre quando um problema de características interseccionais é tido como problema geral de um grupo — um exemplo seria um problema que atinge especificamente mulheres negras ser tratado como um problema geral de todas as mulheres. A segunda palavra, subinclusão, seria o contrário da primeira, ou seja, um problema — também de características interseccionais — é ignorado pois não atinge a parte dominante do grupo; um exemplo seria quando se tem um problema que atinge apenas as mulheres do grupo, mas é deixado de lado por não atingir os homens (CRENSHAW, traduzida por Liane Schneider, 2002).

Tratando também dos Estados Unidos, a socióloga Afro-Americana Patricia Hill Collins (2013) afirma a importância de se analisar as opressões de intersecção de raça, classe, gênero e sexualidade, uma vez que essas opressões têm efeitos profundos na vida cotidiana das pessoas. Usando o feminismo negro como base, a socióloga explica que as experiências de mulheres Afro-Americanas com opressão, por sua posição dentro de raça, classe, gênero e sexualidade como sistemas de poder, são um dos principais pontos para o feminismo negro. O empoderamento de mulheres negras, assim como novos conhecimentos sobre opressão, tem como ponto de partida a análise das experiências dessas mulheres com opressão.

Olhando para dentro do movimento feminista, a escritora feminista Audre Lorde (1984) afirma que em geral, as mulheres brancas desconsideram as diferenças de raça, sexualidade, classe e até idade quando focam apenas na opressão sofrida como mulheres. O uso da palavra irmandade pelas feministas brancas, no inglês *sisterhood*, traz uma falsa sensação de igualdade de experiências que acaba não existindo. As mulheres racializadas se tornam marginalizadas, com suas experiências vistas como muito diferentes para serem compreendidas, quando as mulheres brancas ignoram o privilégio de sua branquitude e delimitam a mulher a partir apenas de suas experiências. Identificar os distintos problemas em que mulheres se encontram se torna impraticável uma vez que existe uma negligência em reconhecer as diferenças.

hooks (1995) aponta que muitas mulheres brancas costumam não ter o conhecimento básico esperado sobre a história do racismo nos EUA que constituiu estruturas de apartheid racial que manteve os dois grupos (negros(as) e brancos(as)) separados. Muitas mulheres

---

<sup>2</sup> “Through an awareness of intersectionality, we can better acknowledge and ground the differences among us and negotiate the means by which these differences will find expression in constructing group politics” (CRENSHAW, 1991, p.1299).

brancas não entendiam que elas, por serem brancas, poderiam agir de forma opressora para com mulheres negras. Além disso, existia um entendimento de que o papel da mulher branca era de ser servida e o da mulher negra de servir. Esses fatores contribuíram para que mulheres negras e brancas não formassem vínculos mais próximos.

Tratando agora, mais especificamente, do movimento antirracista, hooks (1995) também fala sobre o apagamento da mulher negra dentro do grupo. Para a autora, as vozes que falam são, em sua maioria, masculinas quando os tópicos de debates públicos são raça e racismo. Existe uma tradição racista e sexista extensa que diz que raça e racismo, como políticas, são um lugar masculino em que as mulheres não pertencem; essa tradição trouxe uma negligência em se escutar a fala de mulheres negras sobre raça e racismo como políticas nos Estados Unidos. O discurso político negro acaba sofrendo lacunas tanto em sua teoria como na prática por não levar em consideração o ponto de vista de mulheres negras.

Visto que as experiências das mulheres negras são, em grande parte, marcadas pela intersecção entre raça e gênero e que, por causa dessa intersecção elas são únicas e não comparáveis com homens negros e mulheres brancas, é importante também acrescentar outro sistema presente na vida dessas mulheres, que se cruza com gênero e raça, e molda as experiências de várias dessas mulheres: a classe.

Ao levar em consideração a intersecção raça, gênero e classe presente na vida da maioria das mulheres negras, pode-se perguntar o porquê da importância dessas três “categorias” na sociedade estadunidense. Para Collins e a também socióloga Margaret L. Andersen (2013), raça, gênero e classe são importantes porque elas estruturam o corpo social estadunidense e são as bases dos sistemas de poder e desigualdade que constituem partes sociais importantes da vida das pessoas. Raça, gênero e classe são categorias que afetam todos os aspectos da vida humana, além de estruturar as experiências em uma sociedade. A intersecção dessas três "categorias" na vida de uma mulher negra, por exemplo, determina não só a sua posição na hierarquia da sociedade, como também o modo como a sociedade a enxerga e o tratamento a ela dedicado.

Essas categorias funcionam como matriz de dominação, que se refere ao modo como as relações de poder se organizam de forma hierárquica. Uma matriz de dominação tem os sistemas de opressão como raça, classe social, gênero, entre outros organizados de uma forma específica, assim como os domínios de poder (estrutural, disciplinar, entre outros) (COLLINS, 2000). Para mulheres negras, sua raça, seu gênero e, muitas vezes, sua classe social são sistemas de opressão que as colocam aos caprichos dos domínios de poder.

Ainda abordando a sociedade dos Estados Unidos, Andersen e Collins (2013) argumentam que as leis do país contêm os sistemas de raça, classe e gênero e que eles têm tido

efeitos na economia, na política e nas instituições sociais por gerações. Apesar das lutas contra as barreiras institucionais para o crescimento de grupos não privilegiados, os Estados Unidos ainda são altamente desiguais.

É necessário entender que essas categorias (raça, classe e gênero) são formas de desigualdade que se intersectam e acabam inseridas nas estruturas das instituições sociais presentes na vida humana (trabalho, educação, família, mídia, o Estado). Além disso, os vínculos humanos, as identidades, as entidades sociais e até os problemas que se manifestam dentro dessas entidades são configurados por essas categorias. Para entender e visualizar melhor a intersecção entre raça, gênero e classe, basta observar e analisar a pobreza: os maiores afetados por ela são mulheres, em especial as racializadas, e suas crianças. Nos Estados Unidos, das famílias lideradas por mulheres racializadas, 43% das hispânicas e 41% das negras são pobres (ANDERSEN; COLLINS, 2013).

A partir disso, é possível deduzir que mulheres negras, por pertencerem à intersecção entre raça e gênero, estão mais suscetíveis a estarem no final da estrutura de classe. A estrutura de classe tem como um dos fatores de seu surgimento o sistema de subordinação racial. Os direitos essenciais de cidadania eram negados para pessoas negras escravizadas enquanto as pessoas brancas acumulavam bens por meio da exploração do trabalho escravo. A partir desse sistema, deve-se entender o racismo como estruturado na sociedade e que ele é, antes de tudo, institucional - o que significa que algumas pessoas irão se beneficiar em detrimento de outras pelo modo como o sistema está organizado, mesmo que elas não sejam particularmente racistas (ANDERSEN; COLLINS, 2013).

Para o sociólogo alemão naturalizado estadunidense Herbert J. Gans (2005), os fenótipos biológicos contribuem para a hierarquização de classe-status nos Estados Unidos. Os brancos(as) se posicionaram no topo das ordens socioeconômica e racial, colocando assim as pessoas de pele mais escura na base da hierarquia de classe-status. Por isso, os estadunidenses historicamente usaram raça como uma marca indicadora tanto de classe como de status. A comunidade Afro-Americana em resposta, tem autoafirmado a sua cor negra ao mesmo tempo que tem lutado para derrubar as barreiras limitantes de raça construídas pelas instituições que privilegiam os brancos(as). Ela recusa a barreira de classe-status buscando a mobilidade social.

Os Afro-Americanos de condição socioeconômica baixa enfrentam obstáculos enormes para crescer. Desse modo, a vida diária de Afro-Americanos em uma sociedade dominada por brancos(as), faz com que muitos deles se sintam inferiores. Nesse contexto, pode-se compreender que a política econômica branca, os estadunidenses brancos(as), e alguns não-brancos(as), veem os Afro-Americanos como classe inferior; utilizando-os como apoio para a

estrutura de classe. Esse ponto também está presente na antologia da escritora Cherríe Moraga e da estudiosa da teoria feminista de Gloria Anzaldúa intitulada “Essa Ponte Chamada Minhas Costas” que fala sobre as mulheres de cor, que foram colocadas para servirem de base para as outras pessoas conseguirem mobilidade social. Para manter os Afro-Americanos em uma posição inferior, os recursos sociais foram tratados como escassos e direcionados à população branca. Dessa forma os Afro-Americanos tiveram acesso limitado aos recursos públicos (GANS, 2005).

De acordo com a socióloga estadunidense Joan Acker (2006), que trata de raça e gênero no capitalismo, afirma que através da segregação racial e sexista do trabalho remunerado e também da centralidade do homem branco que domina as atividades capitalistas, raça e gênero estão contidos no capitalismo e em seus processos de classe. Na minha visão isso sugere que, principalmente, mulheres de cor estão à margem desse modelo capitalista e assim menos suscetíveis a empregos e salários dignos.

hooks (2015) trata da diferença de classe dentro da comunidade negra nos Estados Unidos. A teórica afirma que essas divisões de classe entre negros(as) faz com que a depreciação contra negros(as) de condições socioeconômicas baixas fique internalizada naqueles com mais privilégios, o que alimenta a supremacia branca. Ainda na perspectiva dessa teórica, muitas pessoas negras de condições socioeconômicas melhores terão experiências de vida, em questões de classe, diferentes daquelas que não possuem este privilégio e isso afeta o modo como elas entendem e veem a comunidade ao seu redor.

### **2.1.2 Interface de Raça, Gênero, Classe e Violência**

A posição dos Afro-Americanos dentro da sociedade (na base da estrutura hierárquica de classe-status), principalmente a posição de interseccionalidade das mulheres Afro-Americanas, faz com que eles estejam mais suscetíveis a diversas formas de violência, tanto física quanto psicológica. Considerando que “Violência é um local saturado da interseccionalidade, onde sempre vem à tona, através de todas as formas de opressão, a violência” (COLLINS, 2013, posição 361, tradução minha)<sup>3</sup> e trazendo o foco para as mulheres Afro-Americanas que estão na base da hierarquia de classe, gênero e raça e na intersecção dos três, pode-se concluir que elas ficam mais vulneráveis a numerosos tipos de opressão e consequentemente de violência.

---

<sup>3</sup> “Violence is one saturated site of intersectionality that reappears across all forms of oppression.” (COLLINS, 2013, posição 361).

Collins (2013) afirma que reconhecer a violência como necessária e presente nas formas de opressão, é fundamental para se compreender como o éthos de violência faz parte da sociedade estadunidense. Algumas instituições sociais dos EUA têm dado benefício a alguns grupos em detrimento a outros e, para assegurar que grupos menos privilegiados (mulheres, indígenas, pobres, entre outros) ficassem nos lugares que lhe eram impostos, essas instituições utilizaram a violência. Para a socióloga, a violência vem sendo uma parte importante das relações estruturais de desigualdade social por bastante tempo.

As relações de poder são as que moldam as definições de violência. A construção dos sistemas de opressão e o apagamento da violência como forma de mantê-los vem do poder de definir o que conta ou não como violência (COLLINS, 2013): ou seja, quem tem voz em relação a quem é silenciado. Considerando as estruturas hierárquicas de classe, gênero e raça como exemplo, quem terá voz de representação sobre o que é considerado como violência é o grupo que está no topo dessas hierarquias: homens brancos com maior poder aquisitivo. Considerando esse modelo, mulheres negras de condição socioeconômica baixa, destituídas de voz, têm pouca possibilidade de visibilizar a violência que sofrem.

Trabalhando com a relação entre a violência e os sistemas de opressão, pode-se entender que as formas de opressão como racismo, sexismo, exploração de classe, entre outras funcionam de formas naturalizada e a população acaba não percebendo (COLLINS, 2013).

Concentrando-se nas mulheres negras e em suas experiências, a violência acaba endossando os modelos de opressão a qual são submetidas. Por localizarem-se na intersecção, como antes aqui mencionada, de raça, gênero e muitas vezes de classe, essas mulheres enfrentam a violência vinda do racismo, do sexismo e da exploração de classe de forma separada, mas também frequentemente vinda dos três em conjunto.

Quando as instituições sociais e os grupos privilegiados cometem alguns tipos de violência, essa violência é tratada de forma legalizada. Desse modo, faz-se com que o público passe a ver a violência de modo a endossar os interesses dos grupos privilegiados (COLLINS, 2013). Uma pessoa negra, por exemplo, é parada de forma violenta pela polícia por andar na rua, o que não acontece com pessoas brancas.

Outro assunto relevante para esse estudo é a violência verbal e o discurso de ódio, questões também abordadas por Collins (2013). Ela nos mostra que a constituição estadunidense não prevê o discurso de ódio como crime, o que leva muitos ao pensamento de que o discurso não se constitui como ato violento. Essa concepção acaba não reconhecendo que, geralmente, situações de violência física são acompanhadas pela violência verbal e o discurso de ódio, a fim de propagar terror e medo nas vítimas (COLLINS, 2013). Desse modo, com o

discurso e a ação não sendo vistos como iguais em termos de violência, os discursos de ódio e a violência verbal podem não ser considerados formas de violência como pontua a teórica. Porém, eles estão presentes na maioria dos atos de violência sofridos por pessoas de grupos menos privilegiados, e esse tipo de violência causa traumas iguais ou maiores do que a violência física. Ela diz que, “O abuso emocional provocado pela violência verbal é frequentemente considerado menos importante do que os atos de violência física ou sexual visíveis, quantificáveis e assim mais visíveis para serem legitimados” (COLLINS, 2013, posição 371, tradução minha)<sup>4</sup>.

Collins (2013) ainda faz uma crítica ao modo como estereótipos acabam contribuindo para a perpetuação da violência contra grupos menos privilegiados. Muitos grupos estigmatizados (mulheres, grupos étnicos/raciais, LGBTQIA+, entre outros) argumentam que esses estereótipos são muitas vezes utilizados como discurso de ódio. Porém, grupos privilegiados tendem a acreditar que essas representações são apenas brincadeiras e que as pessoas que sofrem com elas devem encarar isso como não fazendo mal. Salientando a experiência de mulheres negras, um dos inúmeros exemplos de estereótipos presentes na mídia é a representação dessas mulheres como personagens hiper-sexualizadas. Esse tipo de reprodução reduz muitas delas apenas a seus corpos, fazendo com que sua inteligência, ideias, experiências, entre outras qualidades sejam ignoradas, além de encorajar a violência sexual contra essas mulheres. Apesar dessas ideias não serem atuais, esse tipo de representação ainda é bastante visto na televisão não somente nos EUA, bem como em outros países do mundo.

Pode-se dizer que a violência se transformou em uma rotina que passa despercebida pelas pessoas. Todavia, as micro-agressões, episódios cotidianos de racismo considerado automático, velado ou inconsciente a partir da perspectiva do agressor (SEGATO, 2004) que as pessoas sofrem em sua vida diária afetam suas vidas de maneira muito importante. Essa “naturalização” da violência possui um papel em fazer com que as desigualdades sociais continuem sendo vistas como algo inevitável (COLLINS, 2013).

Ainda de acordo com Collins (2013), micro-agressões também fazem parte do discurso público. Como exemplo, a socióloga utiliza a cultura popular estadunidense, onde a violência contra a mulher, principalmente contra a mulher Afro-Americana, é muitas vezes colocada como entretenimento, como exemplo a ridicularização de personagens negros em papéis submissos. Muitas pessoas têm problemas em identificar esses tipos de micro-agressões como

---

<sup>4</sup> “The emotional abuse caused by verbal violence is often deemed to be of lesser importance than visible, quantifiable, and therefore more easily legitimated physical or sexual acts of violence.” (COLLINS, 2013, posição 371).

violência já que elas se encontram presentes em locais familiares (trabalho, ruas, mídia, entre outros), além de serem majoritariamente racistas e sexistas. Outro exemplo dessas micro-agressões seriam piadas de cunho racista e/ou sexista que muitas vezes são contadas em ambientes de trabalho ou em reuniões familiares.

Para a antropóloga argentina Rita Segato (2003), as relações de gênero possuem uma estrutura hierárquica o que faz com que os diversos tipos de violência e desigualdade que se encontram presentes no cotidiano se tornem imperceptíveis. Isso significa que muitas mulheres, por serem consideradas em posição hierárquica abaixo dos homens, têm suas experiências de violência deslegitimadas. Quando se restringe esse quadro a mulheres negras, tem-se ainda menos chances de que a violência sofrida por elas - física, verbal ou psicológica - seja devidamente punida.

### **2.1.3 Construindo Identidades de Resistência**

Ao meu ver, os grupos menos privilegiados não podem nas representações serem reduzidos à opressão que sofrem. Esses grupos também se caracterizam como símbolos de resistência e é de suma importância tratar os modos pelos quais eles conseguem criar uma identidade de resistência para lidar com toda a opressão a eles dirigida. Focando na identidade de resistência das mulheres negras, trataremos de teorias que buscam empoderar e dar voz a essas mulheres.

Collins (2000) fala da ideia de "auto-definição" que sugere que, ao rejeitar as imagens controladoras disseminadas na sociedade estadunidense que reduzem mulheres Afro-Americanas a papéis lhe impostos, essas mulheres cometem pequenos atos de resistência que juntos criam uma consciência coletiva de mulheres negras. Essa consciência permite que elas lidem e, em alguns casos, consigam se sobressair aos limites impostos pela intersecção das opressões de raça, classe, gênero e sexualidade. A socióloga diz que,

Ao insistir na auto-definição, mulheres negras questionam não apenas o que foi dito sobre mulheres Afro-Americanas, mas também a credibilidade e as intenções daqueles que possuem o poder de definir. Quando mulheres negras se definem, rejeitamos claramente a suposição de que aqueles em posições que lhes dão autoridade de interpretar nossa realidade têm o direito de fazê-lo. Independentemente do conteúdo das auto-definições das mulheres negras, o ato de insistir na auto-definição das mulheres negras valida o poder das mulheres negras como sujeitos humanos (COLLINS, 2000, p. 114, tradução minha)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> By insisting on self-definition, Black women question not only what has been said about African-American women but the credibility and the intentions of those possessing the power to define. When Black women define ourselves, we clearly reject the assumption that those in positions granting them the authority to interpret our

A fim de que elas possam atingir essa “auto-definição”, uma das condições que facilita esse processo se refere às relações entre mulheres negras. Essas relações caracterizam espaços importantes para o desenvolvimento das vozes tanto individuais quanto coletivas dessas mulheres. Tanto as relações familiares como as amizades são significativas, pois a partir de uma comunicação cotidiana, seja séria ou não, essas mulheres se ajudam a afirmar que elas são especiais, têm o direito de existir e são humanas (COLLINS, 2000). Collins (2000) acredita que apenas uma mulher negra consegue compreender as experiências de outra mulher negra, e esses laços entre elas contribuem para a criação de uma identidade de resistência que dá voz a essas mulheres.

A sororidade é um termo bastante presente no feminismo branco, que se traduz em um companheirismo entre mulheres no qual elas se apoiam, não se julgam e lutam lado a lado para conquistar suas pautas - o que, na prática, acaba por negligenciar mulheres negras. Ao tratar das mulheres negras, a Afro-Brasileira Vilma Piedade (2017) propõe o conceito de “dororidade”, no qual é a partir da dor comum, causada pelo racismo e sexismo, que mulheres negras criam laços de irmandade. A dororidade não pretende se opor a sororidade, mas sim complementar esse termo, seu foco é nas experiências das mulheres negras e como esses laços de irmandade formados pela dor comum são necessários para a sobrevivência dessas mulheres.

Para concluir essa seção, tem-se que a vivência de mulheres negras é marcada pela intersecção de raça, gênero e, muitas vezes, classe. Essa intersecção as coloca em vulnerabilidade para sofrer com diversos tipos de opressão, além de colocá-las na base da estrutura hierárquica social. Porém, a vivência dessas mulheres não é só marcada pelas opressões da qual são vítimas, mas também pela identidade de resistência que desenvolvem e representam ao lutar pelos seus direitos e pelo seu lugar na sociedade.

## 2.2 DOS CONCEITOS LITERÁRIOS

### 2.2.1 Personagem

A personagem é um dos pontos centrais de uma obra literária e é através dela que se vai conhecer a estória em si. De acordo com o crítico literário James Wood (2008), a partir do modo como uma personagem se comporta (com quem ela fala, do modo que fala, entre outros), se pode deduzir várias questões relacionadas a essa personagem. Desse modo, tem-se uma divisão entre personagens planas, aquelas que se mantêm as mesmas do começo ao fim da estória, sem

---

reality are entitled to do so. Regardless of the actual content of Black women’s self-definitions, the act of insisting on Black female self-definition validates Black women’s power as human subjects. (COLLINS, 2000, p.114)

desenvolvimento ou mudança de atitude, e personagens redondas, aquelas que possuem um desenvolvimento durante a estória (FORSTER, traduzido por Sérgio Alcides, 2003).

De acordo com o romancista britânico E.M Forster, traduzido por Alcides (2003), as personagens planas possuem uma vantagem, pois não precisam ser explicadas ou desenvolvidas e podem ser utilizadas quando servem às intenções do autor(a). Ao contrário, as personagens redondas precisam ser desenvolvidas e explicadas. Além disso, estas possuem a capacidade de surpreender o leitor da obra, o que as personagens planas não possuem.

Um dos pontos importantes de caracterização de personagens é a sua identidade. De acordo com o escritor estadunidense Oakley Hall (2001), as personagens, geralmente, não são criadas de uma vez, mas sim achadas em partes durante a escrita da obra, ou seja, sua identidade também vai sendo construída durante a escrita da obra. Para o crítico literário estadunidense Jonathan Culler (1997), é a partir das ações, dos conflitos com o mundo que a identidade das personagens aparece, mas ao mesmo tempo, essa identidade acaba sendo a causa dessas ações - ou seja, ao mesmo tempo em que a identidade das personagens é construída por suas ações no decorrer da estória, essas mesmas ações são realizadas em decorrência da sua identidade.

A partir das teorias sobre personagem aqui apresentadas, este trabalho se propõe a analisar a descrição das personagens da obra estudada a partir dos objetivos específicos apontados: como essas personagens serão analisadas a partir dos temas de violência e construções de identidades.

### **2.2.2 Foco Narrativo**

É interessante discutirmos a questão de foco narrativo. De acordo com o Dicionário de Termos Literários e Teoria Literária organizado pelo escritor de dicionários J.A. Cuddon (2013), o foco narrativo, em inglês *viewpoint* ou *point of view*, se traduz na localidade que o narrador ocupa em relação a sua estória - ou seja, a perspectiva de quem conta a estória. Desse modo, ainda de acordo com Cuddon (2013), o foco narrativo pode ser dividido em três categorias: foco narrativo de primeira pessoa, de terceira pessoa e o onisciente. O foco narrativo em primeira pessoa é quando uma das personagens conta a estória em primeira pessoa - tem-se a utilização do pronome “eu”. O foco narrativo em terceira pessoa se entende em uma personagem sendo escolhida pelo autor para ser o centro da narrativa - tem-se a utilização dos pronomes de terceira pessoa “ela/ele”. O foco narrativo onisciente no qual o autor se permite ter acesso às emoções e pensamentos de suas personagens, dando ao leitor informações importantes, além de poder estar em qualquer lugar da obra - seja personagem, lugar, momento (CUDDON, 2013).

Hall (2001) apresenta algumas características dos focos narrativos. Para o escritor, o foco narrativo em primeira pessoa possui uma voz que é pessoal e bastante forte, o que traz o leitor a um aprofundamento mais rápido na perspectiva da estória. O foco narrativo em terceira pessoa possui menos intensidade já que a voz não é tão presente, porém é mais variável e flexível. Finalmente, o foco narrativo onisciente apresenta informações ao leitor que dificilmente poderiam ser achadas de outras maneiras - o escritor chama esse foco narrativo de “privilégio completo” (HALL, 2001, p. 102, tradução minha)<sup>6</sup>.

O foco narrativo em primeira pessoa permite que o narrador ocupe três diferentes posições dentro da narrativa: protagonista, na qual o narrador conta sua própria estória, participantes, na qual ele é uma personagem que conta a estória de outra personagem, ou observadores, na qual ele apenas descreve os eventos aos leitores, mas não atua (CULLER, 1997).

O crítico literário francês Gérard Genette, traduzido por Jane E. Lewin (1980) usa a palavra “focalização” para tratar do foco narrativo. O crítico afirma que a narrativa pode ser apresentada de três formas diferentes: Não Focalizada, Focalização Interna ou Focalização Externa. A narrativa não focalizada é apresentada por um narrador onisciente não presente na estória. A narrativa de focalização interna pode ser fixa (na qual toda narrativa passa por uma personagem), variável (na qual diferentes partes da narrativa passam por diferentes personagens) ou múltipla (na qual se tem a perspectiva de várias personagens da narrativa). Por fim, a narrativa de focalização externa é apresentada por um narrador “inocente”, que tem menos informações que as personagens. (GENETTE, traduzido por Lewin, 1980).

Ainda tendo em vista a focalização, Culler (1997) divide a focalização pensando na questão Temporal, na qual a narração “focaliza” os acontecimentos a partir da época que eles aconteceram; Distância e Velocidade, nas quais “a estória é focalizada através de um microscópio ou a telescópio, procedendo lentamente com grandes detalhes ou nos dizendo rapidamente o que aconteceu” (CULLER, 1997, p. 89, tradução minha)<sup>7</sup>. Ainda na concepção do Culler (1997), existem Limitações de Conhecimento, na quais os eventos da estória podem ser focalizados por uma perspectiva limitada do narrador ou no caso em que o narrador não se permite ler os pensamentos dos personagens.

---

<sup>6</sup> “Complete privilege is what we may call omniscient narration” (HALL 2001, p.102)

<sup>7</sup> “The story may be focalized through a microscope, as it were, or through a telescope, proceeding slowly with great detail or quickly telling us what happened” (CULLER 1997, p. 89)

Com base nos conceitos de foco narrativo e também focalização apresentados neste tópico, este trabalho buscará apontar o foco narrativo e suas características da obra literária escolhida para análise, além de apontar as características de focalização da mesma obra.

### 2.2.3 Pensando Vozes/Discursos

É também proveitoso discutir sobre Vozes/Discursos. De acordo com Cuddon (2013), a voz/discurso do narrador e personagens pode ser dividido em três tipos: direto, indireto ou indireto livre. O discurso direto seria aquele em que a personagem fala com sua própria voz, o discurso indireto aquele em que o narrador fala pela personagem, e o indireto livre aquele em que a voz da personagem e do(a) autor(a) não possuem uma distinção clara, o que pode causar ambiguidade (CUDDON, 2013).

Convém aprofundar a concepção sobre o discurso indireto livre, uma vez que tem uma relação próxima com o fluxo de consciência, que é derivado desse discurso (WOOD, 2008). O termo fluxo de consciência foi primeiro usado pelo francês Édouard Dujardin em sua obra *Os Loureiros Estão Cortados* em 1888 e depois pelo estadunidense William James no campo da psicologia para indicar o fluxo de pensamentos e as experiências que acontecem mentalmente. Já no campo da literatura, o termo é usado para definir as diversas sensações e pensamentos que ocorrem na mente; o fluxo de consciência também é chamado de monólogo interior (CUDDON, 2013). Porém, antes de ser uma técnica o fluxo de consciência é um sintoma, um sofrimento mental grave.

Possíveis desdobramentos do discurso indireto livre incluem a construção de críticas contundentes, “ironia dramática”, no inglês *dramatic irony*, entre outras questões, uma vez que a voz do(a) autor(a) pode invadir a voz da personagem, provocando uma confusão entre essas vozes: o leitor vê a estória pela perspectiva da personagem, mas ao mesmo tempo pode ser levado a ver a perspectiva do autor (WOOD, 2008).

Pensando especificamente sobre a voz do narrador, o filósofo e crítico literário Terry Eagleton (1983), no de seu estudo, utiliza as divisões de Genette. Para Eagleton, têm-se três tipos de narrador: o narrador heterodiegético, que narra uma estória da qual ele não faz parte, o narrador homodiegético, que está presente na estória narrada, mas não é foco, e o narrador autodiegético, que narra sua própria história como protagonista.

Visto que voz/discurso fazem parte dos pontos importantes a serem analisados em uma obra, o presente trabalho busca apresentar as vozes/discursos presentes na obra literária analisada.

### 2.2.4 Alegoria e Símbolos

Faz-se necessário a questão de alegoria e símbolos, uma vez que se encontram na obra estudada. Cuddon (2013) entende a alegoria como uma estória com dois significados, o primeiro geralmente aparente e o segundo escondido sob o primeiro. Ela ainda pode ser interpretada, lida e entendida de no mínimo duas maneiras diferentes (CUDDON, 2013). Desse modo, uma estória pode apresentar significados diferentes dependendo de quem a lê. No entanto, pode-se entender a alegoria como um conjunto de símbolos.

O símbolo pode ser definido como um objeto que possui um significado diferente, ele pode representar algo a mais e pode ser tanto animado quanto inanimado (CUDDON, 2013). Para Cuddon (2013), a diferença entre símbolo e alegoria é que, embora os dois representem algo que não está escrito de maneira explícita, o símbolo é físico e a alegoria não - ou seja, o símbolo existe de maneira física dentro da estória e a alegoria está mais no sentido.

Para Hall (2001), os símbolos presentes em uma obra, geralmente, não são notados por seus leitores, pois são utilizados comumente - ou seja, estão presentes na obra de forma tão comum e natural que passam despercebidos.

Com base nas definições apresentadas neste tópico, este trabalho se propõe a apresentar as possíveis alegorias e símbolos presentes na obra literária analisada. Além de tentar entender os seus prováveis significados.

### 2.2.5 Intertextualidade

Finalmente, é importante mencionar o conceito de intertextualidade que é relevante no estudo de uma obra. De acordo com Cuddon (2013), o termo intertextualidade foi criado pela filósofa búlgara Julia Kristeva para falar sobre a "interdependência" entre composições literárias. Para ela, uma composição literária não é um acontecimento isolado, mas sim se comunica com aquelas que vieram antes e até as que virão depois dela. Ou seja, uma composição literária pode apresentar elementos, ideias e similaridades com outras composições.

A intertextualidade permite que composições literárias possuam relações entre si. Além disso, Culler (1997) menciona que, "Ler algo como literatura é considerá-lo como um evento linguístico que tem significado em relação a outros discursos" (CULLER, 1997, p. 33 e 34, tradução minha)<sup>8</sup>. Isso significa que uma composição literária pode possuir relações com outras, e os leitores mais experientes geralmente partem desse princípio ao darem início a sua leitura.

---

<sup>8</sup> "To read something as literature is to consider it as a linguistic event that has meaning in relation to other discourses" (CULLER 1997, p. 33 e 34)

Este trabalho busca apresentar a intertextualidade presente na obra literária analisada.

## 2.3 DA AUTORIA FEMININA NEGRA

Esta seção do presente trabalho busca apresentar características específicas sobre a autoria feminina negra que terão bastante relevância nas análises desenvolvidas neste trabalho, tendo em vista que o romance analisado é escrito por uma autora Afro-Americana.

### 2.3.1 Protagonista

O protagonista é um dos pontos chave de uma obra, visto que o enredo tende a girar em torno desse protagonista. Para Cuddon (2013), o protagonista é o personagem principal de uma peça ou obra, que faz o papel equivalente ao de herói. Utilizando-se uma visão mais geral, pode-se dizer que grande parte dos protagonistas mais conhecidos no cenário literário - como por exemplo Dorian Grey de Wilde, Sherlock Holmes de Arthur Conan Doyle, Hamlet de Shakespeare e Gatsby de Fitzgerald - são homens brancos. A autoria feminina negra vem para quebrar esse paradigma, colocando mulheres negras como suas protagonistas.

A protagonista das obras de autoria feminina negra enfrenta os problemas e as questões do seu lugar de intersecção de raça, gênero e classe. Muitas vezes as obras desse tipo de autoria são do modelo *bildungsroman*, no português “romance de formação”, que foca no desenvolvimento e aprendizado da/do personagem principal da obra. Porém, ao contrário dos *bildungsroman* clássicos - nos quais o protagonista é, na maioria das vezes, um homem branco heterossexual, um exemplo seria o romance *Great Expectations*, no português Grandes Esperanças, de Dickens - a autoria feminina negra tem seu foco no desenvolvimento e aprendizado do sujeito feminino negro. Dessa forma, ela busca dar voz a esse sujeito e também trazer mais visibilidade a suas experiências únicas de seu lugar de interseccionalidade (HAMILTON, 2018).

Partindo do princípio que o romance analisado possui como protagonistas meninas negras, o presente trabalho busca analisar essas protagonistas a partir da visão única presente nos trabalhos de autoria feminina negra.

### 2.3.2 Temas e Conflitos

Temas e conflitos são o que formam o enredo de uma estória. É a partir deles que a estória se desenvolve em início, meio e fim. O tema de uma obra é sua ideia central e ela não necessariamente está escrita de forma explícita, já os conflitos podem ser divididos em: entre

personagens, internos ou entre personagem e sociedade (CUDDON, 2013). Em uma obra de autoria feminina negra, os temas e conflitos partem das experiências das mulheres negras no seu lugar de interseccionalidade de raça, gênero e muitas vezes de classe.

Esse tipo de autoria traz a vivência dessas mulheres para seu enredo, mostrando suas dificuldades, suas relações com o mundo e a comunidade, entre outros. Alguns dos temas e conflitos tipicamente retratados nessas autorias e que são pertinentes para a análise da obra proposta neste trabalho são: a violência contra meninas negras, as relações entre pais e filhos, relações entre personagens negros e sua comunidade, opressão cíclica, entre outros.

A partir desses temas e conflitos, o presente trabalho busca apresentar como eles são desenvolvidos no romance analisado.

### **2.3.3 Tempo**

O tempo é de suma importância para se entender como os eventos em uma obra acontecem e o impacto que possuem em seus personagens. Nesse tipo de autoria, a relação entre a identidade e o tempo é bastante relevante, pois a identidade do sujeito feminino negro é construída a partir da passagem do tempo. Lembrando que as pessoas negras, assim como qualquer ser humano, são seres temporais e atemporais - ou seja, o tempo exerce grande influência em suas vidas.

Focando na construção da identidade do sujeito negro em geral e a influência exercida pelo tempo nessa construção, pode-se destacar os movimentos de resistência negra: direitos civis, em inglês *civil rights*, e o feminismo negro. Esses movimentos trouxeram formas de melhorar a vida e a identidade do sujeito negro, mostrando que a identidade negra vai muito além da violação de direitos humanos básicos que foi a escravidão. A partir deles, teve-se a reconstrução da subjetividade do sujeito negro na sociedade. Teve-se em virtude disso a transformação da identidade feminina negra.

Na autoria feminina negra, o tempo configura uma característica importante, pois é através dele que as autoras buscam criar a identidade de suas personagens, além de marcar passagens de tempo e eventos críticos responsáveis pela mudança e crescimento das personagens, o que influencia na criação e desenvolvimento das identidades dessas mesmas personagens. Ademais, esse tipo de autoria também aborda como o histórico das pessoas negras contribui para a representação da identidade dos personagens no contexto da ficção.

O presente trabalho busca apresentar como a passagem de tempo funciona no romance escolhida, além de tentar compreender a influência exercida por ele sobre as personagens e seus processos de criação de identidade.

No próximo capítulo, mostramos como essa pesquisa foi desenvolvida, explicando a metodologia do estudo.

### **3 METODOLOGIA**

Este capítulo do presente trabalho tem como objetivo apresentar o modo como se deu o interesse e o estudo realizados neste trabalho.

#### **3.1 O INTERESSE DO ESTUDO**

O interesse em trabalhar com o romance escolhido para o estudo surgiu a partir de uma primeira leitura da mesma. Através dessa leitura, certos pontos da obra chamaram atenção e uma vontade de se aprofundar nesses pontos surgiu. O Trabalho de Conclusão de Curso pareceu a oportunidade adequada não só de se aprofundar em certos pontos do romance, mas também de trazer visibilidade a mesma.

#### **3.2 OS PROCESSOS DA PESQUISA**

##### **3.2.1 A Leitura**

A partir do interesse gerado pela primeira leitura e a decisão de se aprofundar em certos pontos da obra, deu-se uma segunda leitura. Com essa leitura, mais atenta do que a primeira, buscou-se entender melhor o contexto do romance e os pontos que chamaram atenção anteriormente. Procurou-se entender como a autora desenvolveu a narrativa e os eventos que ocorrem na obra que levaram ao final da estória. Ademais, essa segunda leitura serviu para visualizar a obra a partir dos objetivos do estudo estabelecidos.

##### **3.2.2 A Busca de Obras Teóricas**

Com os objetivos do estudo estabelecidos, começou-se a busca por obras teóricas que servissem como embasamento para o estudo. Para começar, deu-se início a uma busca por obras teóricas de teor social. Nesta busca foram utilizados alguns dos seguintes critérios: obras teóricas que tivessem como centro a mulher negra e suas experiências, pois a obra escolhida tem como personagens principais meninas negras, obras teóricas que tratassem da violência sofrida por grupos marginalizados principalmente mulheres de cor, visto que se tem a presença de violência na obra, e finalmente obras teóricas que trabalhassem a questão da identidade de resistência de mulheres negras.

Em seguida, partiu-se em busca de obras teóricas literárias e através delas escolheu-se conceitos literários que estivessem mais presentes no romance escolhido para serem analisados.

Por fim, buscou-se alguns conceitos presentes de maneira mais específica nas obras de autoria feminina negra, visto que a obra literária escolhida é escrita por uma autora Afro-Americana.

### 3.2.3 O Método de Análise

Partindo agora para o modo como se desenvolveu a análise, começaremos com o método escolhido: *close reading*. De acordo com Jonathan Culler (2010), *close reading* se traduz em explorar de maneira mais profunda a linguagem ou parte dela em uma obra. Em outras palavras, esse método se concentra em ler uma obra literária além do superficial, focando em suas especificidades. O professor associado de literatura inglesa na *University of the West of England* David Greenham (2019) afirma que o método surgiu como uma prática acadêmica nos anos 1920 a partir do crítico literário I.A Richards, porém pode-se considerar que o método possui mais de 4000 anos, tendo em vista que ele era o modo como se lia as escrituras religiosas antigas.

Segundo a diretora executiva Linda Elder e o diretor de pesquisa e desenvolvimento profissional Richard Paul do Centro para Pensamento Crítico da *Sonoma State University* (2004), para se utilizar o método de *close reading*, é necessário se ler compreendendo tanto a sua finalidade em ler quanto a finalidade do autor em escrever, além de perceber as informações de um texto como interconectadas e ainda procurar e entender os sistemas de significado. Além disso, também faz parte do processo de *close reading*, elaborar perguntas e buscar suas respostas durante a própria leitura (ELDER; PAUL, 2004).

A prática do método *close reading* também envolve prestar atenção no significado, como ele é gerado e transmitido. Além de quais estratégias e técnicas (literárias ou retóricas) foram utilizadas para que o efeito desejado chegasse ao leitor (CULLER, 2010). Para o professor associado de literatura no *Brooklyn College* David Schur (1998), a pessoa que deseja utilizar o método necessita enxergar aquilo que geralmente passa despercebido, buscar por detalhes e focar no texto em si, não em seu autor(a).

Visto que o método tem sua data de surgimento no século passado, é primordial sua história ao longo dos anos. No seu surgimento, nos anos 1920, o método era focado no significado que surgia das relações entre as palavras. Nos anos 1930, o método focou nos diferentes tipos de significado que as ambiguidades podiam produzir. Dos anos 1940 aos 1980, o método se tornou o principal modelo para ensino de literatura inglesa. (GREENHAM, 2019). De acordo com Schur (1998), durante o século XX *close reading* teve seu foco na forma e na estrutura.

Contudo, mesmo sendo um popular método para o ensino de literatura, *close reading* também sofreu críticas. Para o professor de Inglês na *New York University* John Guillory (2010), o método se encontra em possível declínio. Guillory (2010) utiliza-se do estudo da crítica literária N. Katherine Hayles para argumentar que o método falhou em reconhecer que, nos dias atuais, a mídia mudou não só as pessoas e o mundo, mas também o período de atenção dessas pessoas. Atualmente, muitas pessoas não conseguem se concentrar por longos períodos de tempo em uma mesma tarefa, o que se mostra necessário para o processo de *close reading*. Para o professor, “A atenção que prestamos em trabalhos literários é a que queremos prestar, ou a que estamos aptos a prestar, ou a que aprendemos a prestar” (GUILLORY, 2010, p. 14, tradução minha)<sup>9</sup>.

Entretanto, o método foi escolhido para o estudo apresentado neste trabalho por ser o mais indicado para o tipo de análise que a autora pretende desenvolver. Ao utilizar o *close reading*, os objetivos do trabalho se tornam mais fáceis de serem explorados de maneira que os leitores do estudo possam entender.

### 3.2.4 O Desenvolvimento da Análise

Finalmente, depois dos objetivos decididos e o método de análise escolhido, partiu-se para o desenvolvimento do estudo em si.

Primeiramente, a análise foi feita a partir dos conceitos sociais trabalhados na seção 2.1 do presente trabalho. Começando por apresentar como a interseccionalidade se encontra presente na obra estudada e quais as consequências que esse lugar de interseccionalidade de raça, gênero e classe acarreta para determinados personagens. Em seguida, parte-se para as representações de violência na obra e os efeitos que elas possuem nas vidas das personagens. Por último, parte-se para o modo como a construção das identidades de resistência das personagens foram apresentadas.

Depois, começa-se a análise com base nos conceitos literários trabalhados na seção 2.2. Partindo da análise dos tipos de personagem presentes na obra e como a identidade desses personagens é desenvolvida. Seguindo para o foco narrativo, no qual se analisará o tipo de foco narrativo, o tipo de narrador e também o tipo de focalização. Ademais, se apresentará os tipos de voz/discurso presentes na obra, além de como o romance retrata o fluxo de consciência.

---

<sup>9</sup> “The attention we pay to literary works is whatever we want to pay to them, or what we are able to pay, or what we have learned to pay” (GUILLORY, 2010, p. 14)

Também será analisado os possíveis símbolos e alegorias presentes no romance. Por fim, a análise buscará mostrar as possíveis intertextualidades presentes no texto literário.

Para finalizar, o trabalho analisará o texto literário a partir dos conceitos específicos de autoria feminina negra mostrados na seção 2.3 do presente estudo. Como funcionam a construção do protagonista e sua identidade, quais os temas e conflitos presentes na obra e como o tempo tem influência nos acontecimentos e nos personagens.

No próximo capítulo, apresentaremos a análise do romance em si.

## 4 ANÁLISE

No presente capítulo busca-se analisar o romance escolhido *Monday's Not Coming* da autora Afro-Americana Tiffany D. Jackson, a partir dos fundamentos teóricos apresentados no capítulo de fundamentação teórica deste trabalho.

### 4.1 SEGUNDO OS CONCEITOS SOCIAIS

#### 4.1.1 Sobre a Interseccionalidade

Como visto anteriormente, a mulher negra se encontra em um lugar de interseccionalidade de raça, gênero e muitas vezes de classe, e esse lugar de intersecção afeta suas experiências cotidianas. Partindo desse ponto, pode-se desenvolver um diálogo entre o conceito da interseccionalidade e a obra, pois a mesma é composta praticamente de personagens negros(as), sendo que grande parte desses personagens são do gênero feminino - ou seja, mulheres negras que estão na intersecção de raça e gênero, e algumas ainda na de classe.

Lembramos que Crenshaw (1991), destaca três tipos de interseccionalidade: Estrutural, Política e Representacional. Olhando para o contexto do romance, pode-se afirmar que existem pelo menos três personagens que se encontram em uma condição de Interseccionalidade Estrutural: Monday Charles, sua irmã mais velha April Charles e sua mãe Patti Charles. As três são mulheres negras de condições socioeconômicas baixas que moram em uma comunidade que o governo está tentando gentrificar. Esse local onde se encontram acaba responsável por moldar suas experiências de modo que elas sofram com algumas questões (violência, reformas do Estado, entre outros) que outros personagens da obra, não inseridos na interseccionalidade raça, gênero e classe, não sofrem.

A intersecção de raça, gênero e classe relacionada a essas personagens afeta as suas experiências de vida de maneira diferente do modo que afeta os outros personagens do livro. Monday e April, por exemplo, são adolescentes que têm que se preocupar não somente com questões da idade, mas também questões impostas pelo seu lugar de interseccionalidade, como apontado no trecho a seguir quando elas descobrem que o governo está tentando comprar sua comunidade, conforme narrado por Cláudia:

“Então... temos que sair?” Monday perguntou, sua voz falhando “Eles vão expulsar a gente da nossa casa?” April piscou como se alguém batesse palmas na frente do rosto dela. Ela segurou o ombro de Monday, olhando olho no olho. O maior carinho que eu

já a vi dar à irmã. “Day Day, relaxe. Não se preocupe com isso! Não vai acontecer.” (JACKSON, 2018, p. 326, tradução minha)<sup>10</sup>.

O lugar de interseccionalidade das duas irmãs as coloca aos caprichos dos sistemas de poder, fazendo com que elas sejam submetidas a experiências que outros jovens brancos raramente enfrentam.

#### 4.1.2 Representações de Violência

A violência faz parte da interseccionalidade e se encontra presente nas formas de opressão (COLLINS, 2013), as mulheres negras, por seu lugar de interseccionalidade, são colocadas no fim da hierarquia social e conseqüentemente ficam mais vulneráveis à violência. Esta seção busca apontar os tipos de violência presentes na obra literária e as conseqüências que elas apresentam para os personagens por elas afetados.

##### 4.1.2.1 Violência Doméstica

A violência doméstica não se encontra de forma explícita durante o romance. A autora fornece pequenos indícios dela ao longo da história até o final, no qual o leitor descobre que a violência doméstica é o principal motivo para o desaparecimento de Monday, que se revela ser, mais adiante na obra, um fio condutor da história.

A história é contada por Claudia Coleman, melhor amiga de Monday, portanto é através de seus olhos que o leitor conhece Monday e sua vida. Através de *flashbacks*, nos quais Claudia interage com Monday, é possível entender um pouco sobre as relações familiares dela, principalmente com sua mãe. Em algumas memórias, por exemplo, Claudia comenta como Monday ficava petrificada de medo de Patti Charles, sua mãe. Um desses momentos é quando, em uma festa da comunidade onde Monday e sua família moram, Monday vai pegar um pedaço de torta e sua mãe briga com ela:

Monday recuou em pânico, batendo na mesa atrás de nós. Ma [mãe de Claudia] piscou, franzindo o cenho. Monday, com os olhos cheios de água, olhou de mim para Ma várias vezes antes de engolir a seco. Não se divertindo mais, ela [Monday] correu para o meu lado e nós entrelaçamos os mindinhos, o queixo dela tremendo (JACKSON, 2018, p. 39, tradução minha)<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> “So... we got to leave?” Monday asked, a crack in her voice “They gonna kick us out of our house?” April blinked as if someone clapped in front of her face. She held Monday’s shoulder, bending eye to eye. The most affection I’d ever witness her give her sister. “Day Day, chill. Don’t worry about it! Ain’t gonna happen” (JACKSON, 2018, p. 326)

<sup>11</sup> Monday backed away from her in a frantic panic, crashing into the table behind us. Ma blinked, her brows pinching together. Monday’s teary eyes glanced between Ma and me a thousand times before she gulped. No longer buzzing, she rushed to my side and we linked pinkie fingers, her chin trembling. (JACKSON, 2018, p. 39)

Claudia parece achar esse acontecimento estranho e, em outros momentos, ela até comenta que Monday parecia sentir mais medo da mãe do que o normal, porém, talvez por ser muito nova e inocente, Claudia não consegue fazer essa ligação de que algo poderia estar errado no modo como Monday reagia às broncas da mãe.

Outros indícios de que Monday sofria com abusos em sua casa também estão presentes nas memórias de Claudia, várias vezes Claudia percebeu hematomas pelo corpo da amiga, mas sempre que perguntava Monday dava uma desculpa e Claudia se forçava a acreditar que a amiga estava dizendo a verdade. Depois de um desses episódios no qual percebe hematomas nas costas de Monday, Claudia reflete para si que: “Mesmo que parecesse que um exército de *trolls* tinha batido nela com tacos de baseball, como eu poderia não acreditar? Ela era minha melhor amiga. Se ela estava mentindo, tinha que ser por uma boa razão. Certo?” (JACKSON, 2018, p. 69, tradução minha)<sup>12</sup>.

Para o leitor, esses indícios tendem a significar que a casa de Monday não era um ambiente seguro para ela e seus irmãos e que algo de ruim poderia realmente ter acontecido com a garota. Todavia, para Claudia, esses indícios passam a fazer mais sentido quando ela descobre o que realmente aconteceu com sua amiga: Monday, e também seu irmão mais novo August, tinham sido vítimas de agressões por parte da mãe deles. Essas agressões foram tão fortes que acabaram levando os dois à morte.

Após essa descoberta, os outros personagens passam a ter que viver com as consequências que esse tipo de violência acarretou em suas vidas. Claudia, por exemplo, desenvolve um problema psicológico, no qual ela esquece o que aconteceu e revive tudo novamente.

#### 4.1.2.2 Bullying

Outro tipo de violência que aparece no romance é o *bullying*. A escola é o local que acaba sendo palco para as situações de *bullying* para Claudia e Monday. De acordo com Collins (2013), a violência verbal e o discurso de ódio são partes da violência que causam traumas, tal qual a violência física, e grande parte das situações de *bullying* enfrentadas pelas duas garotas são verbais.

Claudia e Monday são melhores amigas e são muito próximas, elas mesmo se consideram irmãs e tentam fazer praticamente tudo juntas. Essa proximidade é usada como

---

<sup>12</sup> “Even though it looked like an army of trolls had beaten her with baseball bats, how could I not believe? She was my best friend. If she was lying, it had to be for a good reason. Right?” (JACKSON, 2018, p. 69)

motivo para que outros estudantes comecem rumores e as chamem de lésbicas de modo pejorativo. Como demonstrado no trecho a seguir, no qual Jacob, colega de escola das garotas e com quem Monday tinha uma relação, constrange as garotas na frente de todos, depois que Monday o pressiona sobre a relação dos dois. Ele diz,

“OK, ela [Monday] tá certa. Eu não comi ela” ele cedeu com um sorriso esperto “Ela falou que só gosta de fazer com a Claudia, porque elas são lésbicas!” O corredor se encheu de risadas. Monday e eu nos olhamos, confusas, a piada perdida em nós enquanto Jacob cumprimentou seus amigos (JACKSON, 2018, p. 132, tradução minha)<sup>13</sup>.

Elas têm uma foto espalhada na internet que contribui para que esses rumores ganhassem mais força e para que os outros continuassem praticando *bullying* contra elas. Esse tipo de violência verbal não faz apenas com que as duas garotas se sintam constrangidas em sua escola ao serem alvo de piadas, mas também alimenta o discurso de ódio contra as mulheres homossexuais da sua comunidade em geral.

O *bullying* também aparece em outros momentos da obra, dessa vez mais direcionado a Claudia. Depois do desaparecimento de Monday, Claudia começa a ter problemas com suas tarefas e notas da escola, isso porque Monday sempre a ajudava a mascarar sua dislexia, fazendo com ela seus deveres e projetos escolares. Sem Monday, Claudia começa a ter dificuldade em realizar deveres simples, o que chama atenção não só dos professores, que começam a identificar sua dificuldade de aprendizagem e a encaminham para um reforço, como também de seus colegas que fazem comentários maldosos como “Sua tonta, todo mundo já terminou. Por que você é tão lerda?” (JACKSON, 2018, p. 44, tradução minha)<sup>14</sup> ou “[...] É por isso que você chora? Por que a Monday não está mais aqui pra fazer seu dever de casa? Por que você é muito burra pra fazer sozinha?” (JACKSON, 2018, p. 194, tradução minha)<sup>15</sup>.

Esse tipo de comentário reforçam a razão pela qual Claudia não queria que ninguém soubesse de sua dificuldade e preferia continuar seus estudos apenas com a ajuda de Monday.

#### 4.1.2.3 Negligência

Tendo em vista que a mulher negra está inserida na interseccionalidade de raça, gênero e classe, ela acaba sendo mais vulnerável a diversos tipos de violência, outro tipo de violência

<sup>13</sup> “Aight, she right. I didn’t bang her” he relented with a slick grin. “She said she only like doing it with Claudia, ‘cause they lesbians!” The hallway erupted in laughter. Monday and I looked at eachother, bewildered, the joke lost on us while Jacob high-fived his friends. (JACKSON, 2018, p.132).

<sup>14</sup> “You dummy, everyone’s been finished. Why you so slow?” (JACKSON, 2018, p. 44)

<sup>15</sup> “[...] Is that why you crying? ‘Cause Monday’s not around to do your homework no more? ‘Cause you too dumb to do it yourself?” (JACKSON, 2018, p. 194).

encontrada na obra analisada é a negligência sofrida não só por Monday e sua família, mas também pelas pessoas que moram em sua comunidade.

Depois de tentativas frustradas de saber o que aconteceu com sua amiga, Cláudia pede ajuda a uma antiga professora delas. Essa professora entra em contato com a secretária da escola que, ao não conseguir falar na casa da família Charles, passa o caso para o assistente social da família de Monday. Algum tempo depois, tem-se a informação de que Monday estava sim em casa e que a razão de não estar indo para a escola é porque agora ela fazia *homeschooling*<sup>16</sup>. Tem-se outras menções do serviço social na estória, inclusive quando a professora liga para a polícia e ninguém aparece e continuam dizendo que um oficial passou pela casa e que a garota está lá, conforme apontado nesse diálogo entre Cláudia e sua professora: “O oficial viu a Monday na casa?” Ela [professora] franziu os lábios “Isso é o que eles dizem” (JACKSON, 2018, p. 269, tradução minha)<sup>17</sup>.

Quando se descobre o que realmente aconteceu com Monday, fica claro que todas as vezes que disseram que ela estava em casa, não era verdade. Houve uma negligência do serviço social para com a família de Monday. Tendo em vista que a garota e seus irmãos já haviam sido tirados de casa por negligência da mãe uma vez, o trabalho do assistente social era permanecer alerta para que a mesma situação não ocorresse novamente. A insistência em afirmar que Monday estava em casa, quando não era verdade, prova que a devida assistência a essa família não foi prestada, e uma das consequências dessa negligência foi a perda de vidas. Um questionamento que pode ser levantado nessa questão é: se Monday não estivesse na intersecção de raça, gênero e classe, a situação teria sido diferente? A assistência social teria negligenciado as chamadas para averiguação, se fosse uma menina branca colocada em questão?

Além disso, outro episódio que pode ser considerado como negligência é para com a comunidade onde Monday e sua família moram. De acordo com as informações apresentadas pela narradora Cláudia, a comunidade, chamada de Ed Borough, foi construída em terras que foram dadas às pessoas escravizadas libertadas. Porém, logo depois perceberam o quão aquele local era valioso, perto do rio e com acesso fácil para cidade, conforme diz Cláudia “Muito valioso para negros o terem” (JACKSON, 2018, p. 38, tradução minha)<sup>18</sup>. Ela ainda afirma que foi muito conveniente para a classe dominante o crack devastar a área, já que planejadores a queriam.

---

<sup>16</sup> Educação escolar em casa.

<sup>17</sup> The officer saw Monday in the house?” Her lips pursed “That’s what they say” (JACKSON, 2018, p. 269).

<sup>18</sup> “Too valuable for black folks to have” (JACKSON, 2018, p. 38)

Durante a estória, o leitor percebe a menção de alguns protestos para salvar Ed Borough, pois as pessoas estão recebendo cartas de despejo. Vale mencionar que as pessoas que moram nesta comunidade possuem condições socioeconômicas baixas e que ao perderem suas casas não terão para onde ir. Neste caso, a negligência se encontra no fato do governo, ao invés de ajudar a comunidade a florescer com sua cultura e seus atuais moradores, busca a gentrificação do espaço, expulsando seus atuais moradores.

#### **4.1.3 Criando Identidades de Resistência**

Apesar de todas as problemáticas apontadas na obra literária estudada, é importante também apontar como as personagens buscam resistir às opressões impostas a elas, uma vez que, de acordo com o meu ver, grupos minoritários não podem ser reduzidos apenas aos problemas que enfrentam. De acordo com Collins (2000), as relações entre mulheres negras contribuem para dar voz e para a criação de identidades de resistência dessas mulheres. Conforme já discutido, Piedade (2017) apresenta o conceito de "dororidade" para se referir aos laços de irmandade criados por mulheres negras, que também contribui para a criação das identidades de resistência dessas mulheres. A partir desses conceitos, pode-se dizer que a relação e os laços entre mulheres negras são partes fundamentais do romance.

##### **4.1.3.1 As Relações de Mães e Filhas**

As relações familiares constituem aspectos importantes para o desenvolvimento dessas identidades, principalmente as relações entre mães e filhas. A obra apresenta duas relações distintas de mãe e filha: de um lado temos a relação de Claudia e sua mãe, Janet Coleman, e do outro a relação de Monday e sua mãe, Patti Charles.

Janet tem um papel importante na qualidade de vida que Claudia usufrui. Com a presença de Janet, Claudia tem experiências que ajudam a moldar sua identidade de maneiras positivas. Janet cuida não somente de Claudia em si, mas de sua alimentação (preparando todas as suas refeições), de suas vestimentas (para que sempre estejam limpas e apresentáveis), da casa onde vivem (mantendo o ambiente salubre). Além disso, Janet também faz parte da Igreja local, o que fornece a Claudia uma experiência de comunidade segura e unida, na qual um ajuda o outro. Estes elementos permitem que Claudia tenha uma vivência positiva influenciando o desenvolvimento de sua identidade.

Por outro lado, a relação de Patti e Monday não tem o mesmo padrão. Durante a estória, além dos indícios de violência doméstica apresentados anteriormente, têm-se indícios de

negligência, não somente com Monday mas com seus irmãos, e também de que Patti é uma possível usuária de drogas. Ao contrário de Janet, Patti não oferece a Monday um lugar seguro ou experiências saudáveis e positivas. Estes elementos influenciam a identidade de Monday de forma diferente - ao contrário de Claudia, que prefere não explorar o mundo fora de sua “bolha”, Monday vê isso como saída para sua dura realidade.

A diferença das experiências de Claudia e Monday fica clara nesse trecho no qual Claudia encontra a mãe depois de passar algumas horas sem entrar em contato enquanto buscava por pistas de Monday: “Note a diferença: Eu estava desaparecida por duas, talvez três, horas no máximo, e Ma tinha metade da congregação procurando por mim. Monday estava desaparecida há meses e ninguém sequer considerou estranho” (JACKSON, 2018, p. 339, tradução minha)<sup>19</sup>. A partir disso, podemos entender como a vivência de Claudia, que possui uma mãe e uma comunidade que se preocupa com ela, é diferente da de Monday, na qual a própria mãe é a razão de seu desaparecimento e ninguém, além de Claudia, parece notar algo estranho nesse desaparecimento.

#### 4.1.3.2 A Amizade Como Forma de Resistência

A amizade de Claudia e Monday é parte central do enredo da estória, é por causa dessa amizade que Claudia consegue perceber o que ninguém mais percebe: que há algo de errado no desaparecimento de Monday. Porém a amizade das duas vai muito além disso, ela permite que as duas desenvolvam identidades de resistência para enfrentar os problemas que as atingem.

Para Monday, seu laço afetivo com Claudia, permite que ela enfrente os abusos sofridos diariamente. Ao passar seus dias na companhia de Claudia, dormindo na casa dela, conversando sobre o ensino médio, fazendo unhas, criando coreografias, Monday consegue se esquecer, nem que por um momento, da realidade de sua vida. Por esse motivo, ela tem a força necessária para suportar os abusos da mãe por um bom tempo, como apontado nesse diálogo entre Claudia e seu amigo depois que a verdade sobre o que ocorreu com Monday é descoberta: “Mas eu não salvei ela!” Eu disse, explodindo em lágrimas “Eu não pude salvar ela” “Você salvou ela sim, Claudia! Você salvou ela daquela casa por anos e você nem sabia” (JACKSON, 2018, p. 399, tradução minha)<sup>20</sup>. Mesmo Claudia não sabendo o que de fato acontecia com Monday, sua amizade foi de extrema importância para que Monday resistisse a sua dura realidade por anos.

---

<sup>19</sup> “Notice the difference: I’d been missing for two, maybe three, hours tops, and Ma had half the congregation out looking for me. Monday had been missing for months and no one even considered it strange” (JACKSON, 2018, p. 339).

<sup>20</sup> “But I didn’t save her” I said, bursting into tears “I couldn’t save her” “You did save her, Claudia! You saved her from that house for years and you didn’t even know it” (JACKSON, 2018, p. 399).

Agora para Claudia, sua amizade com Monday é importante não só para que ela enfrente sua dificuldade de aprendizagem, mas também sua solidão. A dislexia de Claudia é fonte de grande preocupação para ela, ela tem muito medo de que alguém descubra e ela seja taxada de "burra". Monday exerce um papel importante de confidente e ajudante nessa questão. É Monday que ajuda Claudia em seus deveres de casa, projetos e provas da escola fazendo com que Claudia se sinta mais à vontade na escola, embora não seja a melhor solução para que Claudia tenha uma educação de qualidade. Essa ajuda de Monday faz com que Claudia resista às suas dificuldades e se sinta "normal".

Claudia é filha única, o que acaba fazendo com que ela às vezes se sinta sozinha. Seus pais tentaram ter outros filhos, mas não foi possível. Para resistir a essa solidão, ela adota não somente Monday, mas também seus irmãos como seus próprios. As duas garotas sempre tentam se parecer para que outros possam achar que elas são gêmeas, e elas até se denominam assim. A amizade com Monday ajuda Claudia a resistir a solidão, visto que nem sempre é possível que seus pais fiquem com ela o tempo todo, pois trabalham. O modo como Claudia enxerga Monday e seus irmãos fica explícito na seguinte passagem do encontro de Claudia com Tuesday, irmã mais nova de Monday: "Eu agachei até o nível dela e beijei sua bochecha, me dando conta do quanto eu sentia falta dela. Do quanto eu sentia falta de todos eles, meus irmãos de mentira" (JACKSON, 2018, p. 220, tradução minha)<sup>21</sup>. Nesse trecho, é possível ver como a relação de Claudia com Monday e seus irmãos era mais do que uma relação de simples amizade.

## 4.2 SEGUNDO OS CONCEITOS LITERÁRIOS

### 4.2.1 Sobre Personagens

Como discutido anteriormente, as personagens constituem parte central da obra, uma vez que é por elas que o leitor descobre a história a ser contada. Essa seção pretende analisar as principais personagens da obra, se elas são planas ou redondas e como sua identidade é apresentada.

#### 4.2.1.1 Claudia Coleman

Claudia não é somente uma das protagonistas do romance, mas também é a narradora e conta a história em primeira pessoa. Por esse motivo, é possível acompanhar de perto seus

---

<sup>21</sup> "I squatted down to her level and kissed her cheek, realizing how much I missed her. How much I missed all of them, my pretend siblings" (JACKSON, 2018, p. 220).

pensamentos e sentimentos, bem como seu desenvolvimento e amadurecimento durante a estória. A partir desses pontos, pode-se deduzir que Claudia é uma personagem redonda.

Durante a busca por sua amiga, Claudia passa por um processo de amadurecimento. A Claudia de antes do desaparecimento de Monday, não é a mesma de quando é descoberto o que realmente aconteceu com sua amiga. Além disso, Claudia possui a capacidade de nos surpreender durante a leitura. No começo da estória, Claudia parece muito imatura, dependente de Monday, com vergonha da sua dificuldade de aprendizagem, sem querer se aventurar em novas experiências e ficando presa a sua rotina, como é possível notar no trecho a seguir, no qual Claudia tenta consolar Monday depois de uma decepção amorosa: “Não é sua culpa” Eu disse. Apesar de querer dizer que isso é o que acontece quando você sai da bolha. Nada de bom poderia vir disso (JACKSON, 2018, p. 129, tradução minha)<sup>22</sup>.

No final da obra, é perceptível o amadurecimento e independência dela - ela sai da sua zona de conforto, faz outras amizades, começa a aceitar sua dificuldade de aprendizagem e a trabalhá-la, entre outros. Essa mudança é perceptível quando, no final da obra, Claudia nos diz que: “Mas estou aberta a mudanças. Estar em um lugar onde eu possa segurar ao mesmo tempo todas as cores que amo, apreciar o que elas são e aprender com elas. Estou aberta a novos começos” (JACKSON, 2018, p. 419, tradução minha)<sup>23</sup>. Estes aspectos também fazem parte da construção da identidade de Claudia, as decisões que ela toma no decorrer da obra, bem como as consequências delas vêm e têm efeitos na construção dessa identidade que acontece durante toda a narrativa.

#### 4.2.1.2 Monday Charles

Monday também é uma das protagonistas do romance. Porém, sua estória é contada ao leitor por sua amiga, Claudia. Não se tem acesso aos pensamentos íntimos e sentimentos de Monday, apenas o que Claudia nos conta e o pouco que é possível ler de seu diário, achado depois dos tristes acontecimentos. Apesar disso, Monday também pode ser considerada uma personagem redonda.

O leitor não tem muitas chances de acompanhar o desenvolvimento em Monday, tendo em vista que os únicos momentos que ela de fato aparece na obra são nas memórias de Claudia. No entanto, a personagem é explicada e desenvolvida durante as narrativas da amiga e ainda

---

<sup>22</sup> “It’s not your fault” I said. Even though I wanted to say that this is what happens when you step out of the bubble. No good could come of it (JACKSON, 2018, p. 129).

<sup>23</sup> “But I’m open to be changed. To be in a place where I can hold all the colors I love at once, appreciate what they are, and learn from them. I’m open to new beginnings” (JACKSON, 2018, p. 419).

depois da revelação do que realmente ocorreu com ela. Através das memórias de Claudia, consegue-se notar mudanças de comportamento, humor, entre outros que são explicados depois que descobrimos o que acontecia dentro da casa de Monday, como é possível perceber nesse trecho, no qual Monday acaba ficando brava porque Claudia fica perguntando sobre seu irmão, August, que não está indo para escola:

“O que se passa com o August?” Eu perguntei no caminho à biblioteca, andando através de pilhas de neve preta, a brisa gelada entrando nas minhas luvas “Ele tá doente” ela disse, colocando as mãos nos bolsos. “Nossa, ainda? Vocês já foram no médico?” “Sim” ela disse, fungando “E? O que eles disseram?” Monday sugou os dentes “Por que você fica perguntando sobre o August? Ele não é da sua conta!” (JACKSON, 2018, p. 181, tradução minha)<sup>24</sup>.

Nesse momento, nem Claudia nem o leitor sabem o que realmente aconteceu, mas depois se descobre que, nessa conversa, August já estava morto e Monday estava convivendo com esse luto e sem poder contar para ninguém.

Falando sobre a apresentação da identidade da personagem, a identidade de Monday é contada por Claudia durante a narrativa. Pequenos comentários feitos por Claudia contribuem para que o leitor possa ter a ideia de quem foi Monday, seus hobbies, sua personalidade e como sua realidade afetava suas decisões.

É também importante se questionar o por que o romance possui duas protagonistas, tendo em vista que a grande maioria das obras literárias possui apenas um(a) protagonista. Pode-se dizer que, através das duas protagonistas, a autora nos mostra a heterogeneidade das experiências das pessoas negras. Dentro do espaço público, as pessoas negras em um todo sofrem com a opressão de uma sociedade racista e patriarcal. No entanto, dentro de seus espaços privados, as experiências serão diferentes para cada pessoa. A obra nos mostra esse ponto com Claudia e Monday, duas garotas negras de mesma idade, que dentro do espaço público enfrentam situações similares. Porém, dentro de suas casas, as experiências das duas eram completamente diferentes, como já observamos.

#### 4.2.1.3 Janet Coleman, April e Patti Charles

Janet, April e Patti são personagens secundários que possuem papéis importantes na estória narrada por Claudia. Janet, mãe de Claudia, é quem fornece todo o apoio necessário para que a adolescente tenha qualidade de vida. April é a irmã mais velha de Monday, é com ela que

---

<sup>24</sup> “What’s up with August?” I asked on the way to the library, walking over piles of black snow, the icy breeze breaking through my gloves. “He’s sick,” she said, stuffing her hands in her pockets. “Dang, still? Y’all been to the doctor yet?” “Yeah,” she said, sniffing her running nose. “And? What they say?” Monday sucked her teeth. “Why you keep asking about August? He ain’t none of your business!” (JACKSON, 2018, p. 181).

Claudia tenta encontrar as respostas para o desaparecimento da amiga e Patti é a mãe de Monday e a razão do desaparecimento da menina. As três podem ser consideradas personagens planas.

Janet é uma das primeiras personagens a aparecer na estória. A partir dessa introdução já podemos perceber algumas características da personagem, como ela cuida da filha, participa ativamente da comunidade da igreja, cuida da casa, entre outras. Essas características se mantêm durante toda a estória, Janet está sempre cuidando de Claudia, participando na igreja e cuidando da casa. Mesmo com tudo que acontece na estória, Janet continua sendo aquela mãe cuidadosa, amorosa, participativa, mas que é rígida em certos momentos. Essas características também constituem sua identidade.

April, sendo a mais velha de quatro irmãos com uma mãe negligente, foi forçada a amadurecer cedo. É ela que tenta manter a família unida, que cuida dos irmãos e que resolve os problemas que eles venham a ter. Mesmo passando por todos os traumas de viver numa casa disfuncional, o leitor não consegue ver uma mudança de atitude ou um desenvolvimento em April durante a estória, talvez por não ser possível acompanhá-la de perto, uma vez que ela só aparece em alguns momentos da estória. Ao final da estória, April parece continuar a mesma do começo - tentando manter sua família unida, apesar de tudo. A identidade de April é apresentada durante seus encontros com Claudia como protetora e um pouco fria e distante.

A primeira vez que Patti aparece na estória é quando Claudia resolve procurar por Monday na casa dela e a reação de Patti é bastante agressiva. A maioria das outras aparições de Patti durante a estória também a mostra agressiva. Ela se mantêm a mesma durante toda a narrativa, sem mudança de atitude ou desenvolvimento. Mesmo depois que descobrem o que aconteceu com Monday e o irmão, ela não mostra nenhum remorso pelo que fez. Sua identidade também é apresentada pelos encontros com Claudia, que demonstra ter medo de Patti, por ela ser agressiva.

#### **4.2.2 Sobre o Foco Narrativo**

Lembramos que o foco narrativo se entende como a posição que o narrador ocupa em relação a estória, a perspectiva de quem nos vem a estória. No caso do romance analisado, essa perspectiva é a de Claudia. A partir desses pontos, a presente seção busca apresentar o tipo de foco narrativo, o tipo de narrador e também o tipo de focalização encontradas na obra estudada.

A estória é contada diretamente por Claudia, com uso do pronome “eu” a todo momento. Por esse motivo, o foco narrativo da obra analisada é em primeira pessoa. O leitor tem acesso aos pensamentos de Claudia e vê todos os acontecimentos e as outras personagens pelo olhar dela. A voz de Claudia é bastante pessoal e forte durante a narrativa, é possível para o leitor

sentir a confusão que Claudia sente com o desaparecimento da amiga e depois a dor dela quando se descobre o que realmente aconteceu. O trecho a seguir é um exemplo da narrativa em primeira pessoa, no qual Claudia tenta fazer um projeto para escola, está com dificuldade e pensa para si mesma: “Eu suspirei, vasculhando meu livro, retirando frases e citações. Trapaça, eu sei, mas eu não sabia mais o que fazer. Meu projeto cheirava a fracasso” (JACKSON, 2018, p. 76, tradução minha)<sup>25</sup>. Nesse trecho a presença dos pronomes de primeira pessoa eu e meu é marcante.

Sendo o foco narrativo em primeira pessoa, a narradora Claudia ocupa a posição de protagonista, pois ela nos conta sua própria estória, visto que acompanhamos sua vida e os acontecimentos que a rodeiam. No entanto, também é possível dizer que ela ocupa a posição de personagem que conta a estória de outra personagem, uma vez que Claudia também acaba contando a estória de Monday e os acontecimentos da vida da amiga. Ela também é capaz tanto de amplificar ou retirar a voz de outros personagens. Esse ponto é importante, pois tem-se a representação e a valorização da voz feminina negra.

Outro tópico importante a ser abordado é o ganho de voz da personagem Claudia no decorrer da narrativa. No começo, é perceptível a falta de voz dela, uma vez que ela tem bastante dificuldade em se comunicar com outras pessoas e também quando tenta inúmeras vezes dizer que algo estava errado no desaparecimento de Monday, mas ninguém escuta e ainda descartam suas preocupações. Claudia se sente desamparada nesses momentos. Porém, em fases mais avançadas da narrativa e também do crescimento da personagem, Claudia encontra uma professora que a escuta e até a ajuda na busca por Monday, o que contribui para o ganho gradual de voz de Claudia.

Tratando agora da focalização, pode-se dizer que a obra analisada possui Focalização Interna Fixa, uma vez que toda a narrativa passa pela narradora. É através de Claudia que o leitor vem a saber quem são as outras personagens e quais são os acontecimentos da estória. Seguindo na mesma linha, a focalização do romance ainda pode ser considerada como Limitações de Conhecimento, uma vez que Claudia possui uma perspectiva limitada do que realmente aconteceu com Monday e ainda como Distância e Velocidade, pois a estória procede lentamente com alguns grandes detalhes sendo revelados pouco a pouco.

---

<sup>25</sup> “I sighed, digging through my textbook, pulling out phrases and quotes. Cheating, I know, but I didn’t know what else to do. My project stank of failure.” (JACKSON, 2018, p. 76).

### 4.2.3 Sobre Vozes/Discursos

Vozes/Discursos também são partes importantes ao se pensar em uma obra literária. Essa seção busca apresentar quais os tipos de voz/discurso presentes no romance analisado, bem como o modo que o fluxo de consciência é retratado no romance.

Tendo em vista que Claudia narra todos os acontecimentos presentes na estória e dá sua opinião sobre eles com sua própria voz, pode-se dizer que o tipo de discurso presente na obra é o discurso direto. Porém, pode-se entender que há uma reflexão da voz da autora, que fica evidente pela crítica social contundente que não seria produzida pela voz da narradora que ainda se encontra em tenra idade, o que pode indicar a presença de discurso indireto livre. O trecho a seguir, retirado da parte em que Claudia introduz a comunidade onde Monday mora, apresenta uma crítica ao modo como algumas comunidades negras de condições socioeconômicas baixas são tratadas,

A Capitol Housing Authority construiu os projetos habitacionais de Edward Borough durante a Segunda Guerra Mundial em terras originalmente dadas aos escravos libertos durante os anos 1800. Era pra ser um lugar de comunidade, de começar de novo, um lugar para o Sonho Americano. Mais tarde, os desenvolvedores perceberam o quão valiosa era a terra, bem ao lado do rio, com fácil acesso a cidade. Muito valiosa para negros a terem. Quão conveniente que o crack devastou a área que os desenvolvedores mais queriam. Todos têm medo de Ed Borough, enquanto Ed Borough deveria ter medo de todos (JACKSON, 2018, p. 38, tradução minha)<sup>26</sup>.

Esse trecho também pode ser caracterizado como ironia dramática, uma vez que o leitor pode ser levado a ver a perspectiva da autora em relação a gentrificação. Outros momentos de ironia dramática durante a obra ocorrem quando Claudia vê hematomas em Monday e se força a acreditar nas desculpas da amiga, mas o leitor consegue ver a perspectiva da autora mostrando que a garota sofria com algum tipo de violência.

Lembrando que o fluxo de consciência, também chamado de monólogo interior, é usado para definir os processos que ocorrem na mente (CUDDON, 2013), pode-se afirmar que ele se encontra presente na obra analisada. Uma vez que se tem acesso livre aos pensamentos de Claudia, por ela ser a narradora da estória, o leitor pode observar em alguns momentos que ela conversa com si mesma em seus pensamentos principalmente durante a busca por sua amiga.

---

<sup>26</sup> The Capitol Housing Authority built the Edward Borough housing projects during World War II on land originally given to freed slaves during the 1800s. It was meant to be a place of community, a place to start again, a place for the American dream. Later on, developers realized how valuable the land was, sitting right on the river, with easy access to the city. Too valuable for black folks to have. How convenient that crack would ravish the area developers wanted most. Everyone's afraid of Ed Borough, while Ed Borough should have been afraid of everyone else (JACKSON, 2018, p. 38).

O trecho a seguir exemplifica esse ponto, Claudia está na casa de Monday, mas escondida embaixo da cama e com medo que Patti a encontre:

Mais três episódios dos Simpsons e meu corpo doía para sair do espaço apertado. Ma estava provavelmente procurando por mim. Eu não deixei rastros para ela seguir. E se a Sra.Charles me achasse primeiro? O que ela faria comigo? Tremendo, deixei as lágrimas caírem, agarrando o livro de Monday, tentando me confortar com a memória dela. Monday, como eu saio daqui? (JACKSON, 2018, p. 332, tradução minha)<sup>27</sup>.

Esse trecho se caracteriza como monólogo interior, visto que se tem uma ênfase nos pensamentos de uma das personagens centrais do romance que é Claudia (HAMILTON, 2018). Nesse momento, Claudia fala para si mesma por não possuir voz o suficiente para falar para outros.

Pensando nos tipos de voz do narrador trabalhados por Eagleton (1983), Claudia pode ser considerada uma narradora autodiegética, pois ela narra sua própria estória como protagonista. Ela narra os eventos em sua vida, dificuldades, traumas, seus esforços na busca por sua amiga desaparecida, entre outros.

#### 4.2.4 Sobre Alegorias e Símbolos

Lembramos que Cuddon (2013) apresenta a alegoria e o símbolo como diferentes, em que o primeiro não está presente fisicamente na narrativa e o segundo sim, mas que a alegoria também pode ser considerada um conjunto de símbolos. Trabalhando primeiramente com a alegoria, pode-se dizer que o romance se trata de uma denúncia, uma vez que expõe a situação de crianças racializadas que são negligenciadas. A obra expõe essa realidade na qual uma criança racializada, no caso aqui negra, desaparece, mas só é encontrada quase um ano depois. A única pessoa que a procurou foi sua amiga, uma criança/adolescente que não tinha o apoio necessário para conduzir essa busca, por esse motivo ela permanece desaparecida por um ano. A fala de Claudia que inicia a obra exemplifica isso: “Essa é a história de como minha melhor amiga desapareceu. Como ninguém notou que ela tinha sumido exceto por mim. E como ninguém se importou até que a acharam... um ano depois” (JACKSON, 2018, p. 1, tradução minha)<sup>28</sup>. A estória fictícia de Monday é uma denúncia da realidade de várias crianças racializadas ao redor do mundo que são negligenciadas.

<sup>27</sup> Three more episodes of The Simpsons and my body ached to move out of the cramped space. Ma was probably looking for me. I didn't leave breadcrumbs for her to follow. What if Mrs. Charles found me first? What would she do to me? Trembling, I let the tears fall, gripping Monday's book, trying to comfort myself with her memory. Monday, how do I get out of here? (JACKSON, 2018, p. 332).

<sup>28</sup> “This is the story of how my best friend disappeared. How nobody noticed she was gone except me. And how nobody cared until they found her . . . one year later” (JACKSON, 2018, p. 1).

Segundamente, trabalhando com os símbolos presentes no romance, o primeiro símbolo que chama a atenção são os livros que Monday pegava emprestado na biblioteca da cidade. Na sua ida a casa de Monday, depois do desaparecimento da amiga, Claudia acha um livro chamado *Flowers in the Attic*<sup>29</sup> e ela se lembra que Monday já havia pego emprestado e lido aquele livro várias vezes. Mais para frente, ela acaba descobrindo que o livro trata de abuso infantil e, logo em seguida, ela tem acesso a lista de livros que Monday pegou emprestado e descobre que a maioria deles se tratava de abuso infantil. Monday acreditava que o governo vigiava o que ela fazia, desse modo ela pegava emprestado livros com essa temática para mostrar o que estava acontecendo com ela e seus irmãos. Os livros simbolizam a realidade que Monday e seus irmãos estavam enfrentando, como apontado, no trecho a seguir, pelo amigo de Claudia quando eles descobrem a lista de livros de Monday: “Isso vai parecer loucura” ele disse devagar, parecendo inseguro “Mas eu acho que ela estava dizendo o que estava acontecendo com ela sem realmente dizer. Como se ela estivesse tentando mandar uma dica, deixar pistas” (JACKSON, 2018, p. 349, tradução minha)<sup>30</sup>.

Outro símbolo presente no romance são as cores. Claudia tem grande afinidade com elas e, inclusive, as usa para definir outros personagens da obra. As cores representam como Claudia vê o mundo, uma vez que palavras são complicadas para ela por conta de sua dislexia. Além disso, as cores são de grande ajuda para Claudia lidar com seus sentimentos, por isso seu pai sempre compra para ela livros e materiais de colorir, ela consegue identificar com facilidade qualquer cor, o que não acontece com palavras. O trecho a seguir mostra como Claudia usa as cores para definir as pessoas ao seu redor, nesse caso Monday: “Se Monday fosse uma cor, ela seria o vermelho. Nítido, marcante, vivido, você não deixaria de vê-la - um alvo na sala, uma chama crepitante” (JACKSON, 2018, p. 41, tradução minha)<sup>31</sup>. Nesse trecho é possível entender como Claudia enxerga a amiga, o mesmo acontece com outros personagens da obra que são descritos por ela usando diferentes cores.

#### 4.2.5 Sobre Intertextualidade

Lembrando que a intertextualidade permite que duas obras distintas possuam uma relação, essa seção busca apontar a intertextualidade presente entre o romance estudado e o romance “O Olho Mais Azul” de Toni Morrison (2019).

<sup>29</sup> Romance de V.C Andrews publicado em 1979.

<sup>30</sup> “This gonna sound crazy,” he said slowly, seeming unsure. “But I think she was saying what was happening to her without actually saying it. Like she was trying to send a hint, leave clues.” (JACKSON, 2018, p. 349).

<sup>31</sup> “If Monday were a color, she’d be red. Crisp, striking, vivid, you couldn’t miss her—a bull’s-eye in the room, a crackling flame” (JACKSON, 2018, p. 41).

O primeiro ponto de intertextualidade que podemos analisar são as protagonistas. As duas obras possuem duas protagonistas: uma que conta a estória e a outra que tem sua estória contada. Nas duas obras, as personagens chamadas Claudia são quem contam a estória; agora em *Monday's Not Coming*, Monday Charles é quem tem sua estória contada e em *O Olho Mais Azul* é Pecola Breedlove que tem sua estória contada. Uma diferença é que no romance de Morrison existem partes em que se tem um narrador onisciente, enquanto no de Jackson todo romance é narrado por Claudia.

Outro ponto seria as condições socioeconômicas das personagens. Na obra de Jackson, Claudia Coleman possui melhores condições econômicas do que Monday, o que contribui para que ela (Claudia) não sofra com certas condições que a amiga sofre. Na obra de Morrison, Claudia e Pecola possuem condições socioeconômicas semelhantes, tendo em vista que as mães das duas são empregadas domésticas em casas de famílias brancas. Porém, ao se comparar as famílias das protagonistas, pode-se perceber mais estrutura nas famílias das duas Claudias do que nas de Monday e Pecola. Em “O Olho Mais Azul”, Claudia possui mãe, pai e irmã presentes, enquanto Pecola possui um pai ausente e violento que abusa sexualmente dela e um irmão que foge de casa.

Os locais de interseccionalidade que Monday e Pecola se encontram contribuem para que elas sejam vítimas de violência doméstica e sexual. Enquanto Monday acaba falecendo por conta dessa violência, Pecola é obrigada a carregar a marca dessa violência pelo resto da vida, além de desenvolver delírio mental por não ser forte o suficiente para viver com a sua realidade.

#### 4.3 SEGUNDO A AUTORIA FEMININA NEGRA

##### 4.3.1 O Protagonista

Lembramos que o protagonista é o personagem central de uma obra (CUDDON, 2013) e que a autoria feminina negra busca quebrar os paradigmas colocando mulheres negras como suas protagonistas. Nessa lógica, pode-se afirmar que a obra possui duas meninas negras como suas protagonistas, Claudia e Monday, uma vez que o enredo da obra possui as duas como seu ponto central, focando em suas vivências e experiências como adolescentes negras.

Além disso, grande parte dos romances de autoria feminina negra segue o modelo *bildungsroman*, romance de formação em português, e não é diferente com *Monday's Not Coming*. Durante toda a narrativa, o leitor acompanha o desenvolvimento e os aprendizados de Claudia. Através da busca por sua melhor amiga desaparecida e do trauma da descoberta do que realmente aconteceu, ocorre o amadurecimento de Claudia. Ela passa a entender melhor e

aceitar sua dificuldade de aprendizagem, antes uma grande preocupação, além de ter que aprender a lidar com o luto e com o impacto que a perda de Monday causaram em sua vida.

Focando nesses aspectos, pode-se dizer que o romance busca dar voz a garotas negras em condições semelhantes às de Claudia e Monday, bem como trazer visibilidade a temas importantes como o desaparecimento de crianças racializadas e a negligência dos serviços governamentais para com pessoas racializadas, principalmente com mulheres negras que se encontram na intersecção de raça, gênero e classe.

#### 4.3.2 Sobre Temas e Conflitos

Como antes já discutido, temas e conflitos formam a narrativa de uma obra e Cuddon (2013) propõe que o tema é a ideia central da obra que pode não estar explicitamente escrita e que os conflitos podem ser divididos em entre personagens, internos ou entre personagens e sociedade. Para as obras de autoria feminina negra, o tema e os conflitos têm como cerne as experiências da mulher negra. Esse é o caso do romance analisado, uma vez que os temas e conflitos partem das experiências de Claudia e Monday.

Trabalhando com os tipos de conflito apresentados por Cuddon (2013), é possível perceber os três tipos na obra. Os problemas de Monday com sua mãe e o *bullying* enfrentado pelas meninas no colégio podem ser considerados conflitos entre personagens, já a luta de Claudia em aceitar sua dificuldade de aprendizagem pode ser considerada um conflito interno. O conflito entre personagens e sociedade pode ser entendido como Claudia tentando mostrar que algo no desaparecimento de Monday não está certo e ninguém acreditando nela, bem como o processo de gentrificação que Ed Borough está prestes a sofrer.

Focando agora nos temas e conflitos geralmente presentes nas obras de autoria feminina negra, começaremos por apresentar como a violência contra meninas negras na obra se encontra presente na obra analisada. A violência faz parte dos temas centrais do romance, uma vez que o enredo da obra surge da violência doméstica sofrida por Monday. Como apresentado na seção 4.1.2 deste trabalho, os tipos de violência sofridos por Monday e Claudia são violência doméstica, *bullying* e negligência. Porém, a localidade que elas se situam, principalmente Monday, na intersecção de raça, gênero e classe é o que contribui para estarem mais suscetíveis a essas formas de violência.

Falando agora da relação entre pais e filhos, parcialmente mencionada na seção 4.1.3.1 deste trabalho, que também é um dos temas e conflitos presentes na obra, é importante mencionar como a autora apresenta duas relações de famílias negras distintas no romance. Primeiro, na relação de Claudia com os pais, consegue-se perceber que os pais tentam estar

presentes na vida da filha, que se preocupam com o que acontece com ela e que Claudia se sente segura ao estar na presença de seus pais. Por outro lado, não é o que acontece com Monday e seus pais. Com sua mãe, essa relação é abusiva, uma vez que ela sofre constantes abusos de sua mãe, física e psicologicamente. Já com seu pai, essa relação é ausente, um exemplo dessa ausência se encontra no trecho a seguir onde os pais de Claudia conversam sobre o pai de Monday, depois do pai de Claudia conseguir falar com ele pelo telefone: “O que você quer dizer com ele [pai de Monday] não a viu?” Ma perguntou desacreditada “Ele não tem visto Monday, ou qualquer um deles, há mais de um ano, talvez mais” (JACKSON, 2018, p. 256, tradução minha)<sup>32</sup>. Essa é uma construção que busca mostrar a heterogeneidade das pessoas negras, que possuem experiências diferentes.

Os protestos para salvar a comunidade Ed Borough, bem como as breves passagens que falam da comunidade, fazem parte da relação das personagens negras e sua comunidade. É possível deduzir, pelas descrições da autora, que as pessoas que moram em Ed Borough são negras e que a comunidade é sua casa, tudo que conhecem. A partir do momento que é ameaçado tirar isso deles, eles buscam reagir em formas de protesto tentando salvar suas casas. Porém, infelizmente, como é mostrado ao final da obra, muitos acabam deixando a comunidade, como as autoridades desejavam.

Pode-se dizer que Monday e seus irmãos foram vítimas de opressão cíclica por parte de sua mãe. Patti submeteu seus filhos a diversos tipos de violência durante suas vidas: negligência, violência física, psicológica, entre outros. Pelas descrições que Claudia faz, pode-se deduzir que acontecia com certa regularidade: as crianças apareciam com marcas pelo corpo, com roupas sujas e fedendo, entre outros indícios. Além disso, o medo fora do normal que Monday sentia de sua mãe sugere que ela e os irmãos não tinham liberdade em sua própria casa, fazendo tudo que a mãe queria por medo, o que pode ser deduzido da seguinte passagem do diário de Monday, na qual ela conta o que acontece depois que Patti acaba matando August:

Ontem à noite, Mamãe bateu em August até ele não conseguir levantar. Disse que ele mereceu. Eu pensei que ele só tinha desmaiado, mas quando April tentou mexer nele, ele não acordava. April tentou salvar ele, mas Mamãe não deixou. Ela fez April colocar ele no freezer. Eu estou com tanto medo. Quero contar pra alguém. Mas e se nos separarem como antes? Eu posso nunca mais ver Claudia de novo (JACKSON, 2018, p. 379, tradução minha)<sup>33</sup>.

---

<sup>32</sup> “What do you mean he hasn’t seen her?” Ma asked in disbelief. “He hasn’t seen Monday, or any of them, in over a year, maybe longer.” (JACKSON, 2018, p. 256).

<sup>33</sup> Last night, Mom beat August until he couldn’t get up. Said he deserved it. I thought he just passed out, but when April tried to move him, he wouldn’t wake up. April tried to save him, but Mom stopped her. She made April put him in the freezer. I’m so scared. I want to tell someone. But what if they split us up like before? I may never see Claudia again (JACKSON, 2018, p. 379).

Por medo da própria mãe e de serem separados, April e Monday são forçadas a acobertar a morte do irmão.

### 4.3.3 Tempo

Para se falar do tempo de acordo com a autoria feminina negra, antes se faz necessário explicar como o tempo é trabalhado no romance estudado, uma vez que ele é de suma importância para se entender os eventos da narrativa.

O romance é dividido dentro de meses, a narrativa começa no mês de Setembro e termina no mês de Junho do outro ano. Dentro de cada mês existe a divisão de capítulos em: O Antes, O Depois e Antes do Antes<sup>34</sup>. Os capítulos denominados O Antes abrangem o que ocorreu quando Claudia percebe o desaparecimento da amiga até a descoberta do que aconteceu e os capítulos denominados Antes do Antes consistem em *flashbacks* de anos antes do desaparecimento de Monday. Por outro lado, os capítulos denominados O Depois abrangem o que ocorreu depois da descoberta do que havia ocorrido com Monday, porém, devido ao trauma de Claudia de esquecer e reviver tudo novamente, o leitor não percebe que se trata do que ocorreu depois e eles parecem ser uma continuação dos capítulos intitulados O Antes. Os capítulos O Depois são os responsáveis pelo *plot-twist* do final da obra. Essa fragmentação da obra representa as experiências das protagonistas de turbulência, incertezas, dúvidas, inseguranças e hesitações.

A passagem do tempo na obra estudada está conectada ao processo de desenvolvimento e amadurecimento de Claudia. Em uma primeira leitura, pode-se não identificar as mudanças na personagem, uma vez que não se tem a ciência de que os capítulos chamados de O Depois mostram uma Claudia depois das descobertas traumáticas. Porém, em uma leitura mais atenta, é possível perceber algumas mudanças de comportamento de Claudia durante os capítulos O Depois, ela começa a sentir atração por garotos, por exemplo, o que ela não demonstrava sentir antes. Outro ponto importante é que essa marcação de tempo na obra mostra como os acontecimentos tiveram um efeito traumático em Claudia e que isso também é parte de sua identidade, uma vez que ela tenta superar os traumas deixados, mas ainda encontra dificuldades.

Outros personagens da obra também são influenciados pela passagem do tempo, embora não tenham tanto foco como Claudia. April e Tuesday, por exemplo, tentam seguir com suas vidas depois dos eventos traumáticos que presenciaram. Os pais de Claudia e seu amigo Michael, tentam lidar com o trauma de Claudia, que também os afeta. A partir dessas

---

<sup>34</sup> The Before, The After e Before the Before.

informações, pode-se afirmar que o tempo exerce grande influência na vida das personagens da obra, uma vez que ele guia toda a narrativa.

No próximo capítulo, apresentaremos algumas considerações finais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos específicos do presente trabalho consistiram em analisar a forma pela qual é representada a violência contra mulheres negras na obra e como foram representados os processos de construção da identidade de resistência de jovens mulheres negras. Já o objetivo geral é trazer visibilidade para a autoria feminina negra de língua inglesa. Para chegar a esses objetivos, primeiro teve-se a busca por obras teóricas de pesquisadoras negras desenvolvidas a partir de suas experiências, além de outros teóricos que se enquadrassem como embasamento teórico para a análise a ser desenvolvida. Em seguida, teve-se a escolha do *close reading* como método de análise. Por último, teve-se a análise do romance a partir das obras teóricas e os objetivos estabelecidos.

A partir das obras teóricas estudadas, é possível dizer que mulheres negras, como as personagens do romance de Jackson, se encontram em uma local de interseccionalidade (CRENSHAW, 1989) de raça, gênero e, muitas vezes, de classe que as coloca aos caprichos dos sistemas de poder e as deixa em estado de vulnerabilidade para sofrer com diversos tipos de violência. As vidas de Monday, sua irmã April, bem como de sua mãe Patti são marcadas por esse lugar de interseccionalidade que as coloca em fragilidade, permitindo que sofram com determinados tipos de violência.

Do mesmo modo, a violência, como parte da interseccionalidade e dos sistemas de opressão (COLLINS, 2013) está presente de diversas formas na obra de Jackson e ainda pode ser considerada o fio condutor da narrativa, tendo em vista que a estória gira em torno do desaparecimento de Monday, que tem como causa a violência doméstica sofrida por ela e seus irmãos. Outros tipos de violência, o *bullying* e a negligência, também foram retratados na obra, mostrando como as meninas negras sofreram com as consequências desses tipos de violência.

No entanto, as relações entre mães e filhas, bem como a amizade entre as duas personagens principais serviram como base para a construção das identidades de resistência desenvolvidas por Claudia e Monday. Pode-se afirmar isso, uma vez que, segundo Collins (2000) e Piedade (2017), as relações entre mulheres negras, sejam familiares ou não, são de suma importância para dar voz e fortalecer essas mulheres. Porém, não podemos pensar que essas mulheres podem aguentar toda a opressão da sociedade. É essa sociedade que precisa ser transformada para se tornar mais justa com todas e todos.

Finalmente, se faz necessário justificar qual a importância de se trazer a voz dessa autora e sua obra para o contexto brasileiro. O Brasil tem como maior parte de sua população pessoas afrodescendentes, porém quando olhamos os conteúdos mais populares consumidos por essa

população é notável a falta de representação, principalmente de crianças e adolescentes racializados. A obra estudada nos apresenta personagens negros de diferentes condições socioeconômicas, além de mostrar a perspectiva de uma adolescente negra. É importante que pessoas negras, no caso aqui meninas negras, possam se ver como protagonistas de histórias.

Outro ponto relevante abordado na obra estudada é o desaparecimento de crianças racializadas. Na minha concepção, ao trazer uma obra com essa temática para o contexto brasileiro, pode-se trazer visibilidade para a realidade de crianças e adolescentes brasileiros racializados em situações de risco que têm tido suas situações negligenciadas. Crianças e adolescentes racializados merecem atenção a suas necessidades e com a vinda de obras com essa temática para o contexto brasileiro, contribui-se para colocar um foco sobre essas realidades que geralmente não se encontram nos principais canais de comunicação do país.

De acordo com o art 18º do Estatuto da Criança e do Adolescente, (Lei n.8.069 de 13 de julho de 1990): “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor” (BRASIL, 1990). Embora esse seja um direito garantido às crianças e adolescentes do Brasil, observamos que alguns deles - principalmente os racializados - acabam não usufruindo desse direito. A obra analisada pode ajudar na visibilidade dessas questões ao expor a história fictícia de Monday, mas que acaba sendo a realidade de muitas crianças racializadas em nosso país.

Finalmente, espero que meu trabalho possa contribuir para os estudos literários no ramo da autoria feminina negra e trazer mais visibilidade para autoras negras e histórias com personagens principais sendo pessoas negras para o contexto brasileiro.

## REFERÊNCIAS

### *Corpus de Análise*

JACKSON, Tiffany D. **Monday's Not Coming**. Katherine Tegen Books. New York, 2018.

MORRISON, Toni. **O Olho Mais Azul**. FERREIRA, Manoel Paulo (trad.). 2ª ed. Companhia das Letras, 2019.

### Obras Teóricas

ACKER, Joan. Is Capitalism Gendered and Racialized?. In: **Race, Class and Gender: An Anthology**. Cengage Learning, Boston, 2013, p.101-109.

ANDERSEN, Margaret L. COLLINS, Patricia Hill. Why Race, Class and Gender Still Matter. In: **Race, Class and Gender: An Anthology**. Cengage Learning, Boston, 2013, p.1-14.

\_\_\_\_\_. Systems of Power and Inequality. In: **Race, Class and Gender: An Anthology**. Cengage Learning, Boston, 2013, p.51-73.

\_\_\_\_\_. The Structure of Social Institutions. In: **Race, Class and Gender: An Anthology**. Cengage Learning, Boston, 2013, p.249-262.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm#art266](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266)>. Acesso em: 14 out. 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and Empowerment**. Routledge. Nova York, 2000.

\_\_\_\_\_. The Ethos of Violence. In: **On Intellectual Activism**. Temple University. Philadelphia, 2013, posição 361-380.

CRENSHAW, Kimberle. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. University of Chicago Legal Forum: Vol. 1989: Iss. 1, Article 8.

\_\_\_\_\_. **Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color**. Stanford Law Review, Vol. 43, No. 6 (Jul., 1991), p. 1241-1299.

\_\_\_\_\_. **Documento Para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero**. SCHNEIDER, Liane (trad.). Estudos Feministas. Ano 10, 2002.

CUDDON, J.A. **Dictionary of Literary Terms and Literary Theory**. 5th Edition. Wiley-Blackwell, 2013.

CULLER, Jonathan. **Literary Theory: A Very Short Introduction**. Oxford University Press, New York, 1997.

\_\_\_\_\_. **The closeness of close reading**. ADE Bulletin, v. 149, n. 2010, p. 20-25, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo:: 1990-2004**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, [S. l.], n. 26, p. 13–71, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Acesso em: 14 out. 2021.

EAGLETON, Terry. **Literary Theory: An Introduction**. 2nd ed. Great Britain 1983.

ELDER, Linda; PAUL, Richard. Critical Thinking... and the Art of Close Reading (Part II). Journal of Developmental Education, v. 27, n. 3, p. 36-37, 2004..

FORSTER, E.M. **Aspectos do Romance**. ALCIDES, Sérgio (trad.). São Paulo: Globo, 2003.

GANS, Herbert J. Race as Class. In: **Race, Class and Gender: An Anthology**. Cengage Learning, Boston, 2013, p.84-100.

GENETTE, Gérard. **Narrative Discourse: An Essay in Method**. LEWIN, Jane E. (trad.). Cornell University Press. New York, 1980.

GREENHAM, David. **Close Reading The Basics**. Routledge, New York, 2019.

GUILLORY, John. Close Reading: Prologue and Epilogue. ADE Bulletin, v. 149, n. 8, 2010..

HALL, Oakley. **How Fiction Works**. Story Press, Ohio. 2001.

HAMILTON, Norma Diana. **Rompendo o Ciclo da Violência: Vozes Femininas da Literatura Contemporânea Afrodescendente Anglófona**. 2018. Tese (Doutorado em Literatura e Práticas Sociais. Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

HOOKS, bell. **Killing Rage: Ending Racism**. Henry Holt and Company. New York, 1995.

LORDE, Audre. Age, Race, Class and Sex: Women Redefining Difference. In: **Race, Class and Gender: An Anthology**. Cengage Learning, Boston, 2013, p.15-21.

PIEADADE, Vilma. **Dororidade**. Editora Nós, 2017.

SEGATO, Rita. **Las estructuras elementales de la violencia: ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos**. Bernal, Universidad de Quilmes, 2003.

SCHUR, David. **An Introduction to Close Reading**. Harvard University, 1998.

WOOD, James. **How Fiction Works**. Farrar, Straus and Giroux, New York. 2008.